

Apostila de Prática de Pesquisa

Lincoln Frias

1 Introdução.....	2
2 As pesquisas e os textos.....	8
2.1 Os tipos de pesquisas científicas.....	8
2.2 Os tipos de textos acadêmicos.....	13
2.3 Os artigos e as revistas científicas.....	14
2.4 Duas confusões comuns.....	16
2.5 Os mecanismos de busca de artigos científicos.....	17
2.6 O uso de inteligência artificial em seu texto.....	18
3 Citações, chamadas e referências.....	20
3.1 As citações e as chamadas.....	20
3.2 Os quatro tipos de citação.....	21
3.3 Os dois tipos de chamada.....	23
3.4 Modelos de referências.....	25
3.5 Outros formatos.....	30
4 Orientações sobre o artigo.....	32
4.1 A definição do objetivo da sua pesquisa.....	32
4.2 Escolhendo o título do seu artigo.....	33
4.3 O resumo do seu artigo.....	34
4.4 A estrutura do seu artigo.....	34
4.5 A introdução.....	35
4.6 O desenvolvimento.....	36
4.7 As considerações finais.....	36
4.8 Os artigos empíricos.....	37
5 Dicas de escrita e outros temas.....	39
5.1 Como escrever com mais facilidade.....	39
5.2 Como conectar melhor as ideias.....	46
5.3 Algumas regras a seguir.....	50

5.4 Problemas gramaticais comuns.....	51
5.6 Tabelas e gráficos.....	56
5.7 Orientações sobre as apresentações.....	57
5.8 A filosofia da ciência.....	59
5.9 O TCC e a escolha do orientador.....	67
5.10 Os projetos de pesquisa.....	69
6 Considerações finais.....	71
Referências.....	72

1 Introdução

Escrever bem será muito importante para sua vida profissional. Você vai conversar com clientes por *WhatsApp*, vai debater temas complexos com seus colegas por email e provavelmente vai ter que escrever relatórios para apresentar para seu chefe. Com o aumento do trabalho à distância, a escrita tem ganhado ainda mais importância. Claro, as mensagens de voz e as videochamadas também são muito usadas, porém, quando as ideias precisam ser apresentadas com clareza e precisão, a melhor solução é escrever um texto bem feito.

Por isso, o objetivo desta disciplina é te ajudar a desenvolver sua capacidade de escrever. Isso será feito aprendendo a pesquisar boas fontes de informação, planejar seu texto, formatá-lo adequadamente e conectando melhor as ideias.

Há quem pense que escrever bem é importante porque ajuda em seu trabalho de conclusão de curso (TCC, ou TCP, trabalho de conclusão de Piepex). No entanto, a verdade é o inverso. O TCC existe porque se considera que escrever sobre um tema é uma excelente maneira de desenvolver seu conhecimento sobre ele. Então, a escrita

não é importante por causa do TCC, mas sim ele é que se torna importante por causa dela.

Mas a verdade é mais profunda. Bem mais profunda. A escrita não é útil apenas para se comunicar, ela ajuda também a pensar melhor. Muitos psicólogos pedem aos pacientes para escrever um diário. No papel, aquela raiva diminui, a vergonha não é tão grande, a ofensa não é tão grave, a preocupação já não é tão importante. A lentidão da escrita, o esforço de selecionar como dizer, os filtros, o atrito do papel ou do teclado, tudo isso depura e organiza o pensamento, acalmando as emoções. Por isso, aprender a escrever melhor ajuda a pensar melhor.

Para atingir esses objetivos, vamos escrever um pequeno artigo científico, próximo ao formato dos TCCs.

A distribuição dos pontos é a seguinte:

- texto do artigo (5 pontos). Quem perder o prazo, pode entregar na semana seguinte, valendo um ponto a menos.
- artigo formatado (3 pontos).
- apresentação (2 pontos). Quem preferir não apresentar em público, pode apresentar apenas para mim, mas valendo apenas 1 ponto.

- avaliação de recuperação da aprendizagem: fazer uma nova versão do artigo formatado, a ser entregue duas semanas após a correção.
- As datas destas avaliações serão enviadas por email.

As regras do texto artigo são:

- o objetivo deve ser fazer uma revisão de literatura narrativa sobre determinado tema;
- tamanho: 6 a 10 páginas;
- utilize pelo menos 3 referências (artigos, livros, leis, reportagens, sites etc.);
- tipo de letra *Times New Roman*, tamanho 12, espaçamento 1,5 e alinhamento justificado;
- citações com recuo: tamanho 10, espaçamento 1,0 (simples) e margem reduzida;

O texto deve ter ao menos quatro seções: introdução, seção 2, seção 3 e considerações finais. Na introdução é preciso incluir uma apresentação/justificativa do tema, o objetivo da pesquisa, a metodologia (revisão de literatura narrativa) e um roteiro indicando o conteúdo de cada uma das seções seguintes. Nas considerações finais, é preciso sintetizar as principais conclusões e apontar as

limitações da pesquisa. Há um modelo de texto do artigo no site da disciplina.

A segunda avaliação será a formatação do texto de acordo com as normas da ABNT e da Unifal. Isso inclui capa, folha de rosto, título, resumo (contendo objetivo, metodologia e resultados) e formatação das referências. Há um modelo de artigo formatado no site da disciplina.

A terceira avaliação consiste na apresentação do artigo. Falaremos sobre ela no último capítulo da apostila.

Como já mencionado, a disciplina possui um site, lincolnfrías.org/prática. Lá estão disponíveis esta apostila, o modelo de texto do artigo, o modelo de artigo formatado, os links que ela menciona, minhas videoaulas e outros materiais. No link “Aulas” estão os vídeos sobre vários dos conteúdos que serão explicados aqui e nas aulas presenciais. No link “Como usar o *Google Docs*, o *Google Planilhas* e o *Google Slides*” estão vídeos sobre como usar esses programas.

O artigo deverá ser escrito no *Google Docs*, para facilitar as orientações e a correção. Você pode até escrevê-lo no *Word*, mas depois precisará passar o conteúdo para o *Google Docs*. Como é um texto simples e a habilidade de se adequar a novas interfaces é uma

demanda muito importante na vida profissional, sugiro fortemente que você use o *Google Docs*. A maior parte de nossas aulas serão no laboratório de informática, mas você pode trazer seu notebook caso prefira.

O primeiro passo na escrita de seu artigo é escolher o tema da pesquisa, o assunto do seu artigo. Você pode escolher qualquer assunto relacionado a Administração, Atuária, Economia ou Contabilidade. Isso inclui a análise de produtos, de empresas, de mercados, de leis, de problemas sociais, de indicadores econômicos ou sociais etc.

Você pode mudar de tema a qualquer momento do semestre. Aliás, isso é comum quando começamos uma pesquisa. Ao começar a ler e pensar sobre o assunto, você pode descobrir que o tema que escolheu não é muito interessante ou é muito difícil, que não há muitas informações sobre, pode descobrir algum tema mais interessante etc.

Então, não tenha receio de mudar de tema, apenas evite fazer isso depois do primeiro mês de aula, para não ter que correr com sua pesquisa. Por isso, aproveite bastante o primeiro mês para pensar sobre isso.

É permitido se basear em algum trabalho de outra disciplina ou pesquisa orientada por outro professor, desde

que não seja um trabalho feito em grupo e que siga as orientações da nossa disciplina.

O objetivo da disciplina é aprender a fazer bem feito, não ser inovador ou profundo. Então, minha sugestão é que você escolha um tema fácil. Por isso, escolha um assunto sobre o qual haja muita informação e, se possível, algo sobre o qual você já tenha algum conhecimento. Não escolha um tema muito amplo, pois é difícil abarcar todos os tópicos relevantes, mas também evite temas muito específicos, pois é mais difícil encontrar informações sobre ele.

O artigo é uma revisão de literatura sobre determinado assunto, em outras palavras, um resumo sobre o que já se sabe sobre aquele tema. Então, não é permitido fazer entrevistas. Elas são muito interessantes, mas precisam ser bem preparadas (veremos isso quando conversarmos sobre os tipos de pesquisa).

Você pode escolher o tema da sua pesquisa se baseando em seus interesses pessoais ou em seus interesses profissionais. No primeiro caso, você pode pensar em temas sobre os quais você já costuma pesquisar na internet em seu tempo livre ou sobre os quais você gosta de conversar com seus amigos. Por exemplo:

- as soluções para um problema social que te preocupa;
- o mercado de um produto ou empresa que te interessa (vestuário, pets, carros elétricos, jogos online, café, carne bovina, leite, queijo, *Amazon*, *Renner*, *Hering* etc.);
- algum aspecto de alguma rede social, de algum serviço de streaming ou de algum aplicativo (*YouTube*, *Instagram*, *Netflix*, *iFood* etc.);
- algum assunto que te interessou em outra disciplina: algum tema em história econômica, teoria política, políticas públicas, reforma administrativa, reforma tributária etc.

A segunda estratégia é pensar que esse artigo pode ser algo que te ajudaria em uma entrevista de emprego, uma coisa legal para colocar no seu currículo. Então, você pode escolher um assunto importante para o emprego que você quer ter ou que você já tem. Por exemplo:

- o que é planejamento tributário, lucro real ou presumido, o ICMS, IPI as deduções no Imposto de Renda etc.;

- precificação de seguros de saúde, indicadores de qualidade das seguradoras, as consequências do envelhecimento da população etc.;
- a trajetória da taxa Selic, os índices de inflação, indicadores de solvência, as aplicações no Tesouro Direto, os derivativos etc.;
- gestão de pessoas, plano diretor municipal, as organizações do terceiro setor etc.;
- estratégias de marketing de um determinado setor; algum aspecto do comportamento do consumidor de certo tipo de produto; como o marketing representa os idosos etc.

Algo que pode te ajudar muito a pensar em um assunto para sua pesquisa é ver os temas dos TCPs que já foram defendidos (o link está no site da disciplina). Além disso, você também pode ler o currículo dos professores da Unifal-Varginha para saber o que eles pesquisam e assim já ir pensando em que poderá ser seu orientador (no site da disciplina há um link com a lista dos professores e seus currículos).

O conteúdo da disciplina se concentra em explicações sobre a pesquisa científica e sua escrita. Isso inclui entender as etapas, tipos e ferramentas da pesquisa

científica, os tipos de textos acadêmicos e científicos, sua estrutura e suas regras de formatação, em especial, quando há citações de fontes de informação. O estilo de formatação que deve ser seguido nos trabalhos acadêmicos é determinado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As regras da ABNT definem alguns aspectos essenciais da formatação, por isso, as universidades costumam criar seus próprios manuais de estilo indicando o restante dos detalhes, como é o caso do *Manual de normalização e apresentação de trabalhos acadêmicos da Unifal* (Unifal, 2022). Aqui na apostila apresentarei apenas os aspectos essenciais da formatação do seu TCC, quando quiser saber mais detalhes, consulte este manual da Unifal.

O planejamento das aulas é o seguinte:

Estrutura e formatação do artigo

- 1- Apresentação da disciplina
- 2- Pesquisando artigos (Google Acadêmico e Docs)
- 3- Textos acadêmicos e científicos
- 4- Tipos de pesquisa
- 5- A estrutura do artigo
- 6- Citações, chamadas e referências
- 7- Como escrever com mais facilidade
- 8- Continuação
- 9- Como conectar ideias: conectivos
- 10- Continuação
- 11- Problemas comuns: concordância, vírgula e crase
- 12- Continuação

- 13- Vocabulário técnico e definições
- 14- Dicas de escrita
- 15- Revisão
- 16- Primeira avaliação: texto do artigo
- 17- A formatação do artigo
- 18- Continuação
- 19- Filosofia da ciência
- 20- Formatação das referências
- 21- Continuação
- 22- Revisão
- 23- Segunda avaliação: artigo formatado
- 24- Orientações sobre as apresentações
- 25 a 36- Terceira avaliação: apresentação do artigo

Duas observações muito sérias sobre o seu comportamento em sala de aula. A cobrança da presença em sala de aula segue o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da Unifal. As aulas são muito importantes para entender melhor o conteúdo, tirar dúvidas e me pedir para conferir o que você fez. Você tem direito a faltar a 25% das aulas, use esse direito com sabedoria. Muitos alunos faltam simplesmente porque não estão com vontade de vir à aula e depois não podem mais faltar em situações que são importantes, como quando ficam doentes ou possuem algum compromisso profissional. Deixe para faltar no final.

O plágio é o uso de ideias ou palavras de uma fonte de informação sem a indicação do autor. Esta é uma prática inaceitável em todas as disciplinas e trabalhos acadêmicos,

como exposto na Resolução 26/2019 (Unifal, 2019). O uso de ferramentas de inteligência artificial, tais como o *ChatGPT*, para gerar uma parte do seu texto ou fazer correções profundas nele é considerado plágio, portanto, não é aceito.

O restante deste texto está organizado da seguinte maneira. O segundo capítulo apresenta os tipos de pesquisa científica partindo de três distinções principais: entre artigos de revisão e artigos originais, entre artigos teóricos e empíricos e entre artigos quantitativos e qualitativos. Este capítulo ainda aborda os tipos de textos acadêmicos e científicos, dando atenção especial aos artigos científicos e a como pesquisá-los utilizando o *Google Acadêmico*. Ele também inclui algumas orientações sobre o uso de inteligência artificial em seu texto. O terceiro capítulo apresenta as normas da ABNT sobre citações, chamadas e referências, incluindo modelos dos tipos de referências mais utilizados. Em seguida, no quarto capítulo, começam as orientações sobre a escrita de seu artigo. Ele contém as indicações sobre qual deve ser o conteúdo de cada uma das seções do seu texto. Por sua vez, o quinto capítulo apresenta diversas dicas sobre como escrever melhor, começando com uma conversa sobre como

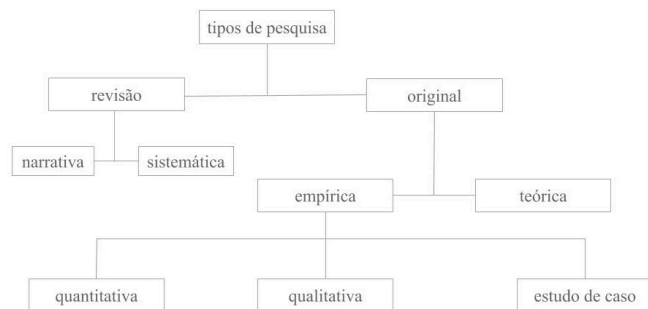
escrever com mais facilidade e como conectar melhor suas ideias. Além disso, ele oferece orientações sobre as apresentações de slides e sobre suas próximas pesquisas, incluindo a escolha do orientador e a elaboração de projetos de pesquisas.

2 As pesquisas e os textos

2.1 Os tipos de pesquisas científicas

A ciência não é a única maneira de entender como o mundo funciona. Muitas vezes aprendemos seguindo exemplos ou na prática, por tentativa e erro. O que distingue a ciência é o fato de ela investigar os assuntos de maneira rigorosa, metódica. Uma ferramenta essencial para dar rigor a uma pesquisa é escolher um método de resposta, também conhecido como “metodologia da pesquisa”, isto é, a estratégia que será utilizada para buscar atingir o objetivo da pesquisa. A Figura 1 apresenta os seis tipos básicos de metodologia.

Figura 1 - Tipos de pesquisa científica



Fonte: elaborado pelo autor.

A primeira distinção é aquela entre trabalhos de revisão de literatura e trabalhos originais. A revisão de literatura consiste em reunir as fontes de informação (artigos, reportagens, leis, sites etc.) sobre determinado assunto tentando resumir o que já se sabe sobre aquela área. Na verdade, todos os artigos devem incluir uma revisão de literatura em algum ponto do texto (também chamada de "revisão bibliográfica", "referencial teórico", "fundamentação teórica" ou "estudos anteriores"). No entanto, algumas pesquisas se concentram em fazer apenas uma revisão do assunto, fazendo-a de maneira mais abrangente e detalhada. Essa é uma tarefa muito trabalhosa e muito valorizada, pois exige compreender uma grande quantidade de pesquisas.

Há dois tipos de revisão de literatura. A revisão narrativa é aquela em que a seleção das fontes de informação que serão resumidas é feita a partir do que o pesquisador considera importante, sem a definição de critérios explícitos sobre quais fontes incluir e sem a preocupação de incluir todos os trabalhos relevantes acerca do assunto (Silva, 2019).

O segundo tipo de revisão de literatura é a revisão sistemática. Como o próprio nome indica, ela exige a definição clara de quais termos de busca e quais critérios serão utilizados na seleção das fontes de informação, com o intuito de reunir todas as informações relevantes sobre o tema (SILVA, 2019). As revisões sistemáticas são muito utilizadas na área da saúde, mas vêm ganhando cada vez mais espaço também nas ciências sociais.

Aqui na disciplina faremos um artigo de revisão narrativa, pois ela é menos trabalhosa do que a revisão sistemática e dá mais espaço para o pesquisador desenvolver suas ideias e sua escrita.

Agora que já sabemos o que são os artigos de revisão, vejamos o segundo tipo de artigos, aqueles que apresentam pesquisas originais. Estes artigos apresentam novidades, isto é, os resultados de pesquisas que ainda não haviam sido feitas. Isso acontece quando o pesquisador fez novas entrevistas, coletou novos dados, realizou novos experimentos ou fez análises inovadoras de dados já conhecidos.

As pesquisas originais podem ser teóricas ou empíricas. Os trabalhos teóricos se concentram em analisar conceitos, ideias ou definições, enquanto os trabalhos

empíricos são aqueles que se baseiam em análises de dados ou em entrevistas, quer dizer, em informações sobre como o mundo é ou como é percebido pelas pessoas. Por exemplo, uma análise sobre o que define um país desenvolvido é um estudo teórico, mas uma análise da quantidade de demissões em Minas Gerais no último ano é um estudo empírico.

Você provavelmente já ouviu as pessoas fazerem a distinção entre teoria e prática (ou empiria, o que é empírico). Por exemplo, "depois de assistir cinco vídeos no *YouTube*, eu já sei fazer bolo de cenoura na teoria, agora é preciso ver na prática".

Nem sempre há uma separação rígida entre esses tipos de pesquisa. É comum os trabalhos empíricos fazerem algum tipo de análise conceitual, assim como é também comum que os trabalhos teóricos façam algum tipo de análise de dados. Um artigo pode começar detalhando as diferenças de rentabilidade entre diferentes tamanhos de empresa e terminar discutindo como definir se uma empresa é familiar ou não.

A Matemática e o Direito são exemplos de ciências predominantemente teóricas, ao passo que a Medicina e a Agronomia são ciências muito empíricas. E há ciências

mistas, que possuem tanto aspectos teóricos quanto empíricos. Este é o caso das Ciências Contábeis, das Ciências Atuariais, da Economia e da Administração Pública.

A distinção entre pesquisas teóricas e empíricas tende a se alinhar com a diferença entre dois tipos de raciocínio: dedutivo e indutivo. Os estudos teóricos normalmente são dedutivos (isto é, partem de uma regra geral para explicar casos específicos) enquanto os estudos empíricos são indutivos (tentam chegar a uma regra geral a partir do estudo de casos específicos).

Para entender melhor o que é o raciocínio dedutivo, pense na Matemática e o Direito. Como dito acima, tanto os trabalhos matemáticos quanto os trabalhos jurídicos são exemplos de trabalhos teóricos. Partindo da definição de que o triângulo é a figura geométrica de três lados, os matemáticos tiram certas conclusões sem precisar medir nenhum triângulo real (uma informação empírica). Da mesma maneira, os juízes e advogados discutem qual é a melhor interpretação de certo artigo da Constituição Federal para fazer com que ele seja consistente com o restante dela, pressupondo que tudo o que está na Constituição é verdadeiro. Também é dessa maneira que boa parte das

teorias econômicas são discutidas. Partindo-se de certos pressupostos sobre os agentes econômicos e o funcionamento de determinado mercado, os economistas tentam demonstrar que alguns acontecimentos são mais prováveis do que outros ou que certas ações do governo são mais adequadas do que outras. A Contabilidade também utiliza muito esse tipo de raciocínio. Por exemplo, dado o ativo e o passivo é possível calcular o patrimônio líquido.

O movimento no raciocínio indutivo, e nos trabalhos empíricos, é inverso: cientistas fazem experimentos com ratos em laboratório para tentar prever o que vai acontecer com outros seres vivos, incluindo seres humanos. Embora eles estejam estudando um caso específico, o objetivo é fazer uma generalização, isto é, identificar o que é válido para todos os casos semelhantes. É o caso do engenheiro que testa protótipos de aviões em túneis de vento, de agrônomos que estudam partes de uma lavoura e de empresas que fazem pesquisas de opinião com dezenas de consumidores para tentar prever as preferências de milhões de pessoas.

Portanto, enquanto os estudos empíricos buscam identificar regularidades nos dados sobre o que já

aconteceu para tentar prever o que vai acontecer (p. ex. quanto tempo as empresas sobrevivem em média em Varginha), os trabalhos teóricos tentam encontrar melhores definições de certos conceitos ou as classificações mais adequadas para determinados fenômenos (por exemplo, o que é uma empresa familiar ou quantos setores econômicos existem).

A última divisão importante entre os tipos de pesquisa é entre três tipos de pesquisas empíricas: pesquisas quantitativas, qualitativas e estudos de caso. As duas primeiras normalmente possuem objetivos, técnicas de coleta de dados e técnicas de análise de dados muito diferentes. O terceiro tipo de pesquisa empírica, os estudos de caso, combinam aspectos quantitativos e qualitativos para investigar um caso específico.

Os estudos quantitativos reduzem os acontecimentos a números e usam a estatística para analisar esses dados. Eles fazem isso para ganhar em poder de generalização. Por exemplo, quantas pessoas se endividaram por irresponsabilidade financeira? Por outro lado, os estudos qualitativos buscam captar como determinadas pessoas percebem o mundo, como é o mundo visto do ponto de vista dessas pessoas. Isso normalmente é feito por meio de

entrevistas, analisando como as pessoas falam sobre as suas experiências. O foco dos estudos qualitativos é a profundidade, não a generalização. Eles buscam a descrição detalhada de como as pessoas organizam em seu íntimo o que aconteceu com elas. Por exemplo, por que a pessoa fez uma dívida que sabia que teria dificuldade de pagar?

A segunda dimensão em que pesquisas quantitativas e qualitativas se distinguem é o tipo de técnica de coleta de dados. Os estudos quantitativos em ciências sociais normalmente se baseiam na aplicação de questionários com respostas fechadas, individuais e sem interferência do pesquisador. Por exemplo, pedindo ao entrevistado para informar sua idade, sua renda ou avaliar a satisfação com um produto em uma escala de 1 a 5 (de completamente insatisfeito a completamente satisfeito).

Já os estudos qualitativos normalmente usam questionários com respostas abertas (as entrevistas semi-estruturadas) ou até mesmo entrevistas sem perguntas pré-definidas (chamadas de "entrevistas em profundidade"), quando é aceitável fazer perguntas diferentes para cada um dos entrevistados (Fraser; Gondim, 2004).

Além das entrevistas semi-estruturadas e das entrevistas em profundidade, dois tipos de técnicas de coleta de dados específicos das pesquisas qualitativas são os grupos focais e a etnografia. Os grupos focais são situações em que várias pessoas são entrevistadas ao mesmo tempo e são inclusive estimuladas por comentários do entrevistador a suas respostas. Por sua vez, a etnografia é o tipo de pesquisa em que o pesquisador estuda sua própria experiência. Por exemplo, quando o estudo consiste em descrever a sua experiência de fazer compras em uma certa loja.

A terceira dimensão em que pesquisas quantitativas e qualitativas se diferenciam é em relação à técnica de análise dos dados. As pesquisas quantitativas fazem uso intensivo da estatística: análise estatística descritiva, análise de regressão, análise de agrupamento, dentre outras. Por sua vez, embora muitas vezes incluam também estatísticas descritivas, nas pesquisas qualitativas predominam técnicas de análise de texto como análise de conteúdo e análise do discurso, pois lidam com os textos das entrevistas, buscando captar significados profundos no que os entrevistados disseram.

Por fim, os estudos de caso, o terceiro tipo de pesquisa empírica, podem incluir tanto metodologias qualitativas quanto quantitativas. Essas são pesquisas que se dedicam a descrever e analisar um objeto específico (uma empresa, um órgão do governo etc.), realizando análises documentais (descrição e resumo de documentos, tais como testamentos, certificados, livros contábeis etc.) e também usando dados quantitativos e diferentes tipos de entrevistas.

Antes de encerrar, é importante lembrar que essas distinções entre pesquisas de revisão e originais, teóricas e empíricas ou quantitativas e qualitativas não são rígidas, é muito comum que os artigos contenham aspectos de categorias diferentes. Por exemplo, as pesquisas históricas são um caso de difícil classificação, pois elas incluem tanto discussões teóricas (a definição de democracia, de capitalismo, de trabalho livre etc.) quanto análises empíricas (de dados, de documentos, entrevistas, de declarações públicas de pessoas famosas etc.). É o que se pode chamar de uma metodologia mista.

Por isso, não espere que os artigos sejam puramente teóricos ou empíricos, quantitativos ou qualitativos, originais ou de revisão. Espere encontrar artigos de revisão que

incluam alguma análise quantitativa, artigos empíricos que contenham alguma discussão teórica e todas as outras variações possíveis. No site da disciplina há uma lista com exemplos de artigos das diferentes categorias apresentadas.

2.2 Os tipos de textos acadêmicos

Os textos acadêmicos são os textos exigidos para se formar em algum curso universitário, isto é, para a obtenção dos títulos acadêmicos: para ter a graduação em algum curso, é preciso fazer uma monografia (TCC); para ter a especialização, também é preciso uma monografia; o mestrado exige uma dissertação; o doutorado exige uma tese.

A monografia é um texto sobre um assunto específico, normalmente escrito em linguagem impessoal e utilizando diversas fontes de informação. É o formato normalmente empregado pelos trabalhos de conclusão de curso. O TCC costuma ter de 15 a 20 páginas e o TCC de 20 a 30 páginas.

Um curso de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) é um curso que exige que o

estudante possua uma graduação. A especialização (que alguns chamam simplesmente de "pós") é um tipo de curso voltado para quem já está trabalhando e deseja se aprofundar em um tema específico. Em geral, a especialização tem duração de dois anos e ao final deles o aluno deve apresentar uma monografia de 50 a 100 páginas.

O mestrado é um curso também de dois anos, porém, seu aprofundamento e exigência de dedicação são maiores do que aqueles exigidos pela especialização. Para conseguir o título de mestre, é preciso apresentar uma dissertação. No Ensino Médio, as redações também são chamadas de dissertação. Porém, no caso do mestrado, a palavra dissertação adquire um significado mais específico.

A dissertação de mestrado é uma monografia que normalmente tem de 80 a 200 páginas e analisa profundamente um tema, seja por meio de uma pesquisa empírica (coletando ou analisando dados ou entrevistas), uma pesquisa teórica (desenvolvendo conceitos) ou uma pesquisa de revisão de literatura (em que se resume com rigor o que já foi estudado sobre o tema da pesquisa).

O doutorado é o título acadêmico mais alto e é um curso com duração de quatro anos. Para a obtenção desse

título é preciso apresentar uma tese, um texto que normalmente tem de 80 a 300 páginas. Ela também é uma monografia e uma dissertação, porém, há a exigência de que seu conteúdo seja inédito, inovador. Enquanto a dissertação de mestrado precisa apenas ser bem feita, a tese de doutorado precisa apresentar ideias novas.

Algumas pessoas tratam o pós-doutorado como se fosse um título, algo que colocaria quem o fez em um nível acima dos doutores. Porém, isso é um equívoco, o pós-doutorado é apenas um estágio, a rigor, seu nome correto é "estágio de pós-doutorado", um período dedicado a estudar um assunto em uma nova instituição. É uma qualificação, uma atividade importante para se ter em seu currículo, mas não é um título, uma mudança de nível. O doutorado é realmente o título mais alto para os pesquisadores. Por exemplo, é apenas com ele que se pode participar de alguns editais, assumir certos cargos e, nas universidades públicas, ele aumenta substancialmente o salário de quem o possui.

No site da disciplina há exemplos de cada um dos tipos de texto.

2.3 Os artigos e as revistas científicas

Os textos acadêmicos servem para desenvolver os conhecimentos do estudante, mas também para estimular a produção de textos científicos, dos quais o principal é o artigo científico, mas há também os projetos de pesquisa, os relatórios de pesquisa e os livros científicos.

Os projetos de pesquisa são textos feitos antes que a pesquisa comece, apresentando seu objetivo, importância, os estudos anteriores, os resultados esperados, o cronograma e como ela será feita. Eles normalmente são apresentados como parte do processo seletivo para para ser aceito na iniciação científica, no mestrado ou no doutorado, além de também serem exigidos para conseguir bolsas e recursos para a pesquisa ou simplesmente para solicitar a autorização para realizá-la. Veja mais informações sobre os projetos de pesquisa nesta página.

Os relatórios de pesquisa são textos feitos após a sua conclusão, apresentando seus resultados. Na maior parte das vezes, sua função é prestar contas de como os recursos da pesquisa ou o tempo do pesquisador foram gastos.

Embora os projetos e os relatórios sejam importantes, os artigos científicos são o principal texto científico, pois são o meio não apenas de divulgação, mas de comunicação dos cientistas entre si e com a sociedade como um todo. Eles são textos de cerca de 10 a 30 páginas publicados em revistas científicas. Essas revistas são basicamente sites que selecionam e publicam mais ou menos 10 desses textos de tempos em tempos (algumas a cada trimestre, outras a cada semestre etc.). No site da disciplina, há links para alguns exemplos de revistas científicas

Há duas diferenças que tornam os artigos científicos mais confiáveis do que reportagens em revistas comuns: o uso de referências e a revisão por pares duplo cega. Em primeiro lugar, os artigos científicos precisam apresentar as referências para todas as fontes de informação utilizadas. Sempre que o texto apresenta alguma ideia de outro autor, é preciso indicar detalhadamente onde o leitor pode conferir essa informação. Para mais informações sobre esse processo, veja nossa página sobre citações e referências.

O segundo diferencial dos artigos científicos é a avaliação por pares duplo cega. Para entender esse tipo de avaliação, é importante pensar sobre a distinção entre autor

e editor. No caso de sua página no Instagram, você é autor e também o editor. Você escreve e avalia se o que foi escrito é adequado. Isso acontece também com os blogs e sites pessoais. Não há nenhum filtro além do próprio autor.

Nos jornais e revistas, há filtros. São os editores. Eles avaliam se o que foi escrito pelo autor da reportagem foi bem escrito, se é pertinente e se está correto. Isso garante mais confiabilidade ao conteúdo.

Porém, as revistas científicas vão além. Elas são consideradas uma fonte de informação mais rigorosa e confiável do que os jornais e as revistas comuns, pois, além de possuir editores, adotam dois outros procedimentos: a revisão por pares e fazem essa revisão de maneira duplamente cega.

A revisão por pares consiste no fato de que, após uma avaliação inicial do artigo pelo editor, quem realmente avalia o texto são especialistas no assunto do artigo (os "pares", no sentido de que estão a par do assunto, de que têm tanto conhecimento do assunto quanto o autor). Esses avaliadores são chamados de pareceristas, pois vão elaborar um parecer sobre o artigo. Por exemplo, se você escreve um artigo sobre a análise de custos de produção na cafeicultura, o editor pedirá a dois especialistas nesse

assunto para lerem com atenção seu texto e indicar se ele está correto ou como ele pode ser melhorado.

Além disso, essa avaliação pelos dois especialistas é feita de maneira duplamente cega: eles não sabem quem é o autor do artigo e o autor não sabe quem são eles. Apenas o editor conhece tanto o autor quanto os avaliadores.

Isso é feito para que a avaliação seja imparcial. Isto é, para evitar que o avaliador diga que o texto é bom quando ele não é ou que diga que o trabalho é ruim quando, na verdade, é bom. A primeira situação poderia acontecer se o avaliador for amigo do autor, ao passo que a segunda situação poderia ocorrer se o avaliador quisesse prejudicar o autor por algum motivo (concorrência, inveja, vingança ou outras desavenças pessoais).

O intuito de não identificar autores e avaliadores é fazer com que a avaliação do artigo seja imparcial, isto é, que seja restrita ao conteúdo do texto, sem influências de relações pessoais entre os envolvidos no processo.

Portanto, o uso de referências e a avaliação por pares duplo cega tornam os artigos científicos uma fonte de informação em geral mais confiável do que sites e revistas comuns. Contudo, isso não impede que haja artigos científicos ruins nem que haja reportagens ou relatórios que

sejam mais rigorosos do que muitos artigos científicos, pois há revistas científicas que não são muito rigorosas enquanto há publicações não científicas muito rigorosas (alguns institutos de pesquisa, ONGs ou órgãos governamentais. Por exemplo, o IBGE e o Banco Central).

2.4 Duas confusões comuns

É comum ter dificuldade em distinguir um artigo publicado em uma revista científica de um artigo apresentado em um evento científico e também diferenciar um artigo de um TCC, uma dissertação ou tese.

Além de serem publicados em revistas científicas, os artigos resultantes de uma pesquisa podem também ser apresentados em eventos científicos (congressos, simpósios, workshops, seminários, encontros etc.). É mais comum apresentar um artigo em um evento do que publicar o artigo em uma revista, pois é mais fácil ser aceito em um evento do que em uma revista. Há alguns eventos muito rigorosos, que inclusive utilizam a revisão por pares duplo cega. No entanto, muitos eventos científicos fazem apenas uma avaliação superficial de um resumo do trabalho que será apresentado.

Isso é muito bom para os pesquisadores, no sentido de que fornece uma oportunidade de apresentar sua pesquisa para outros pesquisadores. Porém, isso faz com que os trabalhos apresentados em eventos sejam, ao menos em geral, menos confiáveis do que os artigos publicados em revistas científicas.

Quais as diferenças entre artigos e dissertações? Uma dúvida comum na nossa disciplina é como identificar se um texto que você encontrou no Google Acadêmico é um artigo, um trabalho apresentado em evento, um TCC, uma dissertação ou uma tese. Os principais pontos a observar são:

- artigos normalmente têm menos do que 30 páginas, há o nome da revista no alto ou no pé da página e não têm capa, pois já começam diretamente com o título e o resumo;
- TCCs, dissertações e teses normalmente têm capa e na folha de rosto (a página depois da capa) há a indicação de que aquele texto é um desses tipos de trabalho acadêmico.

2.5 Os mecanismos de busca de artigos científicos

Há sites de busca especializados em artigos científicos. Os dois que mais nos interessam são o Google Acadêmico (Google Scholar) e o Scielo. O Google Acadêmico é mais abrangente, incluindo textos de várias línguas, porém, é menos rigoroso. Além de artigos, ele inclui dissertações, relatórios e trabalhos apresentados em congressos. O Scielo é mais do que um site de busca, é uma plataforma onde as revistas são publicadas depois de passar por uma avaliação rigorosa. Por isso, ele é mais restrito (na verdade, o Scielo está incluído no Google Acadêmico).

As principais dicas de como usar o Google Acadêmico são:

- quando disponíveis, use os links para os pdfs que aparecem à direita dos resultados.
- use os links abaixo dos resultados para ver trabalhos que citaram aquele que te interessou ou que tenham conteúdo semelhante.
- use aspas para pesquisar frases exatas.

- use o link em formato de aspas abaixo dos resultados para copiar a referência bibliográfica. O formato ABNT aparece como NBR-6023.
- na lateral esquerda, há a opção de pesquisar apenas artigos a partir de determinado ano ou em determinado período.
- na lateral esquerda, há a opção para mostrar apenas os resultados em português.
- use o sinal de menos antes de alguma palavra (sem espaço) para evitar resultados que contenham essa palavra (p. ex., "café -brasil").

Outra maneira de descobrir artigos, é consultar o currículo de algum autor que te interessou. Para isso, use o *Currículo Lattes*. Marque a opção "demais pesquisadores", caso contrário ele pesquisará apenas entre quem tem doutorado.

2.6 O uso de inteligência artificial em seu texto

Essa disciplina tem um objetivo muito claro: desenvolver sua habilidade de organizar seu raciocínio e se expressar tanto de maneira escrita quanto oralmente.

Recentemente, surgiram inteligências artificiais, como o chatGPT, capazes de construir respostas convincentes para quase qualquer pergunta, sendo até mesmo capazes de elaborar textos complexos a partir delas. Isso cria a tentação de usar essas ferramentas em suas pesquisas e para a elaboração de seu texto. No entanto, esta não é uma boa ideia.

Em primeiro lugar, estas ferramentas cometem diversos erros factuais que apenas aparentam ser boas respostas. Isso nos impressiona quanto perguntamos sobre assuntos que não entendemos. Porém, experimente fazer algumas perguntas mais complexas sobre algum tema que você domine tais como a qualidade da sua cidade, a história do seu time de futebol ou a reputação de uma marca de roupa. Você logo perceberá que estes algoritmos simplesmente fazem combinações de palavras prováveis, “enchendo linguiça” e fazendo afirmações vagas como as cartomantes. Não é conhecimento confiável, na maior parte das vezes, é só bobagem convincente.

Porém, o mais importante é que o objetivo da disciplina é desenvolver suas habilidades, seu raciocínio e confiança. Ao usar essas ferramentas, não é você quem produzirá o texto e conectará as ideias. Então, elas vão te

atrapalhar ao invés de te ajudar na tarefa de se tornar mais capaz e mais confiante.

3 Citações, chamadas e referências

3.1 As citações e as chamadas

A ciência é o esforço de produzir as informações mais rigorosas possíveis sobre determinado assunto, reunindo e sistematizando o que já se sabe sobre o tema. Por isso, os textos acadêmicos e científicos fazem diversas citações de outras fontes de informação, isto é, incorporam informações retiradas de outros textos, de vídeos e de sites.

As fontes de informação citadas em um texto são também chamadas de “referências”, no sentido de que o autor do texto faz referência a determinada fonte como base para uma afirmação que tenha feito.

Um texto que se baseia em diversas referências é considerado mais rigoroso do que um texto em que todas as ideias vêm somente do autor, pois nesse caso seria necessário confiar inteiramente no conhecimento dessa pessoa. Por outro lado, quando o texto é fundamentado em fontes de informação respeitadas, quer dizer, quando as ideias apresentadas estão baseadas em estudos anteriores já aceitos, a responsabilidade pelas afirmações é compartilhada com essas pesquisas anteriores. Dessa

maneira, o leitor que já confia nas fontes de informação utilizadas, não precisa confiar cegamente no autor.

Por isso, as referências são um dos fatores que tornam a ciência respeitável: elas permitem que os leitores confirmem as fontes onde o autor conseguiu suas informações e tirem suas próprias conclusões. São elas também que garantem o caráter cumulativo da ciência, no sentido de que as pesquisas se baseiam em estudos anteriores, acumulando os avanços. Como disse Isaac Newton, “se eu vi mais longe, foi por estar sobre o ombro de gigantes” (Wikipedia, 2022). De maneira muito adequada, esse é o lema do *Google Acadêmico*, o principal mecanismo de busca de artigos científicos.

Para aprender a fazer citações, é preciso entender a relação entre citações, chamadas e referências. Uma citação é a indicação de que uma fonte externa de informação foi utilizada no texto. Essa fonte pode ser um livro, um artigo, um site, uma dissertação etc. A indicação de que uma fonte foi utilizada é feita por meio de uma “chamada”. A forma padrão de uma chamada é um parêntesis com o sobrenome do autor e a data do texto. Por exemplo, (Moreira, 2008).

As chamadas têm esse nome porque “chamam” uma referência que está ao final do texto. A referência é a descrição detalhada da fonte que você usou (autor, título, ano de publicação, link etc.). No final dos artigos deve haver a seção chamada "referências" (ou "referências bibliográficas" ou "bibliografia"), que é uma lista de todas as fontes utilizadas durante o texto. As referências devem ser ordenadas por ordem alfabética do sobrenome do autor.

Todas as fontes citadas devem estar nas referências e todas as referências devem ter sido citadas. Não basta mencionar uma fonte durante o texto e não incluir uma referência correspondente na seção de referências. Por exemplo, não basta dizer “De acordo com o IBGE, a inflação no mês de Março foi 0,28%”. Como o IBGE publica diversas pesquisas sobre inflação, o leitor não conseguirá chegar até a fonte que você consultou para elaborar seu texto.

De maneira semelhante, não basta colocar uma fonte nas referências e não fazer nenhuma citação dela durante o texto, pois o leitor não conseguirá saber qual das informações foi retirada daquele texto. Se uma fonte foi importante para sua pesquisa, mas você está com dificuldades de fazer uma citação específica, faça uma

citação indireta dizendo algo como “Para mais informações, consulte (Moreira, 2015)” ou “Uma análise mais detalhada desta questão é apresentada em (Moreira, 2015)”.

Portanto, não se esqueça, todas as fontes citadas devem estar nas referências e todas as referências devem ter sido citadas.

3.2 Os quatro tipos de citação

As citações podem ser diretas ou indiretas. No primeiro caso, você usa as palavras do texto que você leu, colocando-o entre aspas. No segundo caso, você apresenta as ideias do texto, mas com suas próprias palavras. Em ambas é necessário fazer uma chamada (sobrenome e data). No entanto, nas citações diretas, é bom indicar a página na chamada. Por exemplo, (Moreira, 2015, p. 15). Quando a referência for um site ou não possuir número de página, não é preciso fazer essa indicação.

Devemos sempre desconsiderar o "da" antes dos sobrenomes. Por exemplo, a chamada de um texto de autoria de Fernanda da Silva em 2010 deve ser (Silva, 2010) e não (Da Silva, 2010). Nas chamadas, você deve usar apenas o sobrenome do autor e o ano, não as iniciais.

Quer dizer, (Moreira, 2008) ao invés de (Moreira, A., 2008). Outro detalhe, no caso de textos em site que não indiquem o ano, coloque o ano atual.

Suponha que você está fazendo uma pesquisa sobre o mercado de “nano influenciadores”, os influenciadores digitais com menos de 10 mil seguidores. Você está lendo a reportagem “O que é Marketing de Influência e como ele pode ajudar a sua estratégia digital?” (Souza, 2018) e gostou do seguinte trecho sobre uma das vantagens desse tipo de estratégia:

Figura 2 - Um trecho de reportagem



Fonte: (Souza, 2018).

Você tem duas opções para incorporar essas ideias a seu texto: copiar as palavras do texto (citação direta) ou

apresentar as ideias dele com suas próprias palavras (citação indireta). No primeiro caso, é preciso colocar o trecho entre aspas. Por exemplo, “a grande sacada do marketing de influência é a segmentação do público. Impactar pessoas que já estão interessadas no nicho no qual a sua empresa atua é capaz de atalhar caminhos” (Souza, 2018).

No segundo caso, a citação indireta, você apresenta as mesmas ideias, porém com suas próprias palavras. Por exemplo, uma das principais vantagens do marketing de influência é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já possui um público interessado no setor em que a empresa trabalha (Souza, 2018).

O terceiro tipo de citação são as citações diretas longas, aquelas com mais de três linhas, pois elas precisam de uma formatação especial. Elas são chamadas também de "citações diretas com recuo". Nessas citações, o trecho retirado de outro texto fica em um parágrafo separado, com letra tamanho 10, espaçamento simples e margem esquerda maior. Nesse caso, as aspas são dispensáveis. Por exemplo:

A grande sacada do marketing de influência é a segmentação do público. Impactar pessoas que já estão interessadas no nicho no qual a sua empresa atua é capaz de atalhar caminhos para que leitores e seguidores conheçam e interajam organicamente (Souza, 2018, p. 1).

O quarto tipo de citação é uma situação que gera dúvidas, pois é o caso em que você precisa fazer uma citação de uma citação, isto é, quando você quer citar uma parte de um texto em que o autor que você está lendo está citando um terceiro texto. Suponha que você esteja lendo o texto (Silva, 2020) e queira citar uma parte em que ele cita (Fernandes, 2015).

Na maior parte das vezes, basta citar o primeiro autor, pois ao lê-lo o leitor vai descobrir que aquela informação veio de outro lugar. No entanto, se a informação for muito importante para o seu texto ou se for muito controversa, é melhor você ler o texto que está sendo citado e fazer a citação dele diretamente (no exemplo acima, ler diretamente o Fernandes, 2015). Isso é considerado mais rigoroso. Porém, pode ser que o texto não esteja disponível online, seja um livro caro ou esteja em uma língua que você não compreende. Nesses casos, usamos o termo *apud*.

O que você deveria fazer é uma chamada assim: (Fernandes, 2015 *apud* Silva, 2020). A palavra "*apud*"

significa "de acordo com" em latim. Então, você está dizendo que aquilo foi dito por Fernandes de acordo com o que disse Silva. Note que a fonte mais antiga deve vir primeiro. Isso vale tanto para as citações indiretas quanto para as diretas.

Relembrando, a obrigação de fazer o *apud* existe apenas quando a ideia em questão é central para seu texto ou é muito controversa e o texto é de difícil acesso. Na maior parte dos casos, basta citar o primeiro autor.

Minha sugestão em relação às citações é: prefira sempre as citações indiretas, pois elas deixam seu texto mais fluido, mais leve. As citações diretas tendem a quebrar o ritmo do seu texto porque trazem um estilo de escrita diferente do seu. Isso vale principalmente para as citações diretas longas. No entanto, elas podem ser imprescindíveis para dar precisão em algum tópico importante, quando as palavras escolhidas são decisivas, como no caso de leis ou declarações de entrevistados. E, como dito acima, use a citação de citação (o *apud*) apenas quando for realmente necessário.

3.3 Os dois tipos de chamada

Há dois tipos de chamadas: no final da frase, desconectadas dela, ou conectadas a ela, aparecendo no começo ou no meio da frase. A principal diferença é que quando a menção ao autor faz parte da frase, apenas o ano de publicação fica entre parêntesis. Veja os exemplos abaixo:

Uma das principais vantagens do marketing de influência é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já atrai as pessoas interessadas no nicho em que sua empresa atua (Souza, 2018).

De acordo com Souza (2018), uma das principais vantagens do marketing de influência é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já atrai as pessoas interessadas no nicho em que sua empresa atua.

Uma das principais vantagens do marketing de influência, segundo Souza (2018), é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já atrai as pessoas interessadas no nicho em que sua empresa atua.

Agora suponha que ao invés de apenas um autor, Ivan Souza, o texto tenha sido escrito por dois autores, Ivan Souza e Andreia Braga. As chamadas ficariam assim:

Uma das principais vantagens do marketing de influência é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já atrai as pessoas interessadas no nicho em que sua empresa atua (Souza; Braga, 2018).

De acordo com Souza e Braga (2018), uma das principais vantagens do marketing de influência é simplificar o processo de segmentação do público, pois o influenciador já atrai as pessoas interessadas no nicho em que sua empresa atua.

Note que no caso da chamada desconectada da frase, os autores ficam separados por ponto e vírgula, enquanto que no caso da chamada que faz parte da frase os autores são separados por “e”. O mesmo aconteceria se houvesse um terceiro autor, por exemplo, Fernanda Almeida. No final da frase, a chamada seria (Souza; Braga; Almeida, 2018) e a chamada conectada à frase seria Souza, Braga e Almeida (2018).

Porém, caso houvesse mais de três autores, seria necessário usar a expressão *et al.*, a abreviatura da expressão *et alii*, que significa “e outros” latim. Nesse caso, a chamada desconectada seria (Souza et al., 2018), ao passo que a conectada seria Souza et al. (2018).

Por fim, voltando aos casos de dois e três autores, note que os sobrenomes não são apresentados em ordem alfabética. A ordem a ser seguida é a ordem de contribuição à pesquisa, com o autor que mais contribuiu vindo primeiro. Essa ordem é aquela que aparece no texto publicado pelos

autores e que devemos seguir ao fazermos a chamada e a referência.

Como dito na introdução, as regras sobre como fazer citações, chamadas e referências nos trabalhos acadêmicos são elaboradas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O *Manual de Normalização da Unifal* (Unifal, 2022) é uma exposição detalhada dessas regras, nele você encontra diversos exemplos, caso queira aprofundar seus conhecimentos.

3.4 Modelos de referências

As referências são, portanto, as indicações detalhadas de quais fontes foram citadas ao longo do texto. Como já foi dito, elas ficam em uma seção própria do texto, a última, chamada “Referências” ou “Referências bibliográficas”, organizadas em ordem alfabética do sobrenome do autor.

A estrutura básica de uma referência é a seguinte:

SOBRENOME. **Título em negrito**. Outras informações. Ano.

O primeiro item é sempre o sobrenome do autor em maiúsculas (caixa alta). Sempre há algo em negrito, mas o

item a ser negritado varia dependendo do tipo de fonte de informação. No caso de livros é o título, mas no caso de artigos científicos é o nome da revista, no caso de sites é o nome do site etc. O último item de uma referência é sempre o ano, exceto quando se tratar de um site, pois neste caso é preciso indicar o link e a data de acesso.

Suponha que o autor José Sampaio da Silva escreveu um texto intitulado “Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes”. Vejamos como fazer sua referência imaginando que o mesmo texto fosse apresentado em diferentes tipos de fontes de informação. Assim podemos nos concentrar nas diferenças entre os vários formatos de referência. Para começar, se ele fosse um livro, a referência seria a seguinte:

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Note como o nome José Sampaio da Silva se transformou em “SILVA, J.”, focando apenas no último sobrenome e desconsiderando o nome do meio e a palavra “da”. Note também que colocamos a inicial do primeiro nome depois do sobrenome, ao contrário das chamadas, onde devemos colocar apenas o sobrenome. Como já foi

dito, no caso de livros, o título fica em negrito. Em seguida vem o nome da cidade da editora, dois pontos e o nome da editora. Por fim, o ano.

Imaginemos agora que o texto do José Sampaio da Silva é um capítulo de livro, não um livro inteiro. Há dois tipos de livros científicos em relação à autoria. Os livros comuns são aqueles em que a mesma pessoa escreveu todos os capítulos. Nesse caso, não é preciso especificar o capítulo, basta fazer a referência do livro. O segundo tipo, porém, são as obras coletivas ou coletâneas de artigos, em que cada capítulo foi escrito por uma pessoa diferente. Nesse caso, é preciso indicar o autor e o título do capítulo, da seguinte maneira:

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes In: SOUZA, F. (Org.). **A satisfação do consumidor de alimentos e bebidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

O sobrenome do autor continua sendo o primeiro item, mas agora o segundo item é o título do capítulo sem negrito. Em seguida, há a expressão “In:” acompanhada da referência do livro seguido o formato que vimos anteriormente, com a inclusão da expressão “(Org.)” após o sobrenome do autor, para indicar que se ele é o organizador de uma obra coletiva.

Vamos imaginar agora que o texto do José Sampaio da Silva é um artigo publicado em uma revista científica. Neste caso, a referência ficaria assim:

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

A principal diferença é que o título perde o negrito e ele é usado no nome da revista. Note ainda que o nome da revista recebe letras maiúsculas no início de todas as palavras, o que não acontece nos títulos de livro, capítulos, artigos, sites e reportagens. Isso acontece porque o nome da revista é um nome próprio. Após o nome da revista vem uma vírgula e as indicações do volume e do número da revista em que o artigo foi publicado. As revistas científicas são publicações periódicas, isto é, são publicadas com certa periodicidade. Por exemplo, no caso das revistas trimestrais, há um volume a cada ano, dividido em quatro números. Se a revista começou em 2020, o primeiro número daquele ano será “v.1, n.1”, já o último número do mesmo ano será “v. 1, n. 4”. Por sua vez, o último número de 2021 será “v. 2, n. 4”. No entanto, embora este sistema de numeração provavelmente seja o mais comum, nem todas as revistas o adotam, algumas indicam apenas o

volume e outras apenas o número. Nestes casos, basta colocar na referência apenas o que estiver disponível no site da revista.

Se o texto do José Sampaio da Silva fosse uma reportagem ou página de um site, a referência ficaria assim:

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Portal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/pegn/estrategias-fidelizacao-restaurantes.html> Acesso em: 29 de agosto de 2023.

A estrutura é a semelhante à dos artigos em revistas científicas, incluindo o nome do site no lugar do nome da revista, mas sem a indicação de volume e número e com a indicação do link e da data de acesso, usando as expressões “Disponível em:” e “Acesso em:”. É necessário indicar a data de acesso, pois os sites podem mudar seu conteúdo ou o link pode parar de funcionar. No caso dos artigos científicos, não é preciso indicar o link porque o volume e número são informações suficientes para chegar até o documento e são inclusive mais confiáveis do que os links, pois estes podem mudar.

É comum que textos em sites não tenham a indicação do autor. Neste caso, repita o nome do site como autor (em caixa alta) e como local de publicação (com negrito e sem caixa alta):

PORTAL G1. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Portal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/pegn/estrategias-fidelizacao-restaurantes.html> Acesso em: 29 de agosto de 2023.

A mesma estrutura seria usada caso o texto fosse um vídeo no Youtube ou Tiktok, um post no Instagram, um filme no Netflix ou um podcast no Spotify. O nome do canal ou do perfil seria utilizado como autor e o nome da plataforma ou rede social seria o local de publicação:

CANAL DO MARKETING. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Youtube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mNHLuzhl4G0> Acesso em: 29 de agosto de 2023.

Imaginemos agora que o texto do José Sampaio da Silva é um trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC). Neste caso, o título fica em negrito como nos livros, é preciso indicar que se trata de um TCC e também qual é o curso e a universidade. Caso o trabalho seja uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, basta mudar a indicação do tipo de documento e indicar o programa de pós-graduação no lugar do curso de graduação:

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia), Universidade Federal

de Alfenas, 2022.

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Economia), Universidade Federal de Alfenas, 2022.

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Economia), Universidade Federal de Alfenas, 2022.

Por fim, imaginemos que o texto do José Sampaio da Silva tenha sido um trabalho apresentado em um evento científico. Você sabe que este é o caso quando no cabeçalho ou no rodapé do pdf do artigo há o nome de algum congresso, encontro, simpósio ou workshop. Nesta situação, a estrutura da referência é semelhante à dos capítulos de livros:

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE MARKETING. **Anais ...** São Paulo, 2022.

Após o título do artigo, há a expressão “In:” seguida da referência dos anais do evento, o livro onde os textos apresentados são reunidos. O nome do congresso fica caixa alta, pois é utilizado como o nome do autor do livro. Em seguida, há a expressão “Anais ...” como título do livro e as reticências servem como um substituto do nome do

congresso, para que não seja preciso repeti-lo.

Agora, vejamos como fazer referência de leis e outros documentos legais, uma situação em não poderemos usar o texto do José Sampaio da Silva como exemplo. Nestes casos, o autor é a entidade responsável pela lei. No caso das leis federais, é o Brasil. No caso de uma lei municipal, seria, por exemplo, a Prefeitura de Varginha. No caso de uma norma de um órgão ou empresa, seria o seu nome, por exemplo, Unifal, Banco Central, ONU, B3 ou Itaú. A estrutura é bastante simples, basta indicar o autor em caixa alta, o título da norma em negrito, o subtítulo, a data, o link e a data de acesso, pois atualmente todas as normas estão disponíveis na internet para facilitar o acesso a elas:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em: 22 jun. 2017.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acesso em: 30 jul 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Atas do Comitê de Política Monetária. **Banco Central do Brasil**, 2022. Disponível em: www.bcb.gov.br/publicacoes/atascomom/04052022. Acesso em: 22 de Junho de 2022.

UNIFAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS). **Resolução 026/2019**: Dispõe sobre a regulamentação referente a plágio em trabalhos acadêmicos. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/wp-content/uploads/sites/94/2020/04/Resolucao_026_2019.pdf Acesso em 18 de julho de 2023.

Pronto, agora já conhecemos os principais formatos de referências. Aqui está um resumo do que foi apresentado:

Quadro 1 - Estrutura básica das principais referências

Tipo de fonte	Estrutura
Livro	SOBRENOME. Título . Cidade: Editora, ano.
Capítulo de livro coletivo	SOBRENOME. Título do capítulo In: SOBRENOME DO ORGANIZADOR (Org.). Título do livro . Cidade: Editora, ano.
Artigo científico	SOBRENOME. Título do artigo. Nome da revista , v. ?, n. ?, ano.
Reportagens em sites	SOBRENOME. Título da reportagem. Nome do site , ano. Disponível em: ? Acesso em: 23 de setembro de 2023.
Trabalhos acadêmicos	SOBRENOME. Título . Trabalho de conclusão de curso (nome do curso), nome da universidade, ano.
Trabalhos apresentados em eventos	SOBRENOME. Título do trabalho In: NOME DO EVENTO. Anais ... Cidade, ano.
Leis	NOME DO ÓRGÃO. Nome ou número da lei , ano. Disponível em: ? Acesso em: 23 de setembro de 2023.

Fonte: elaboração própria.

Vejamos agora alguns detalhes sobre as referências. Como você pode ver nos exemplos sobre documentos legais acima, quando há um subtítulo, ele fica sem negrito. Isso vale também para todos os outros casos, como os livros e os trabalhos de conclusão de curso:

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**: uma revisão de literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SILVA, J. **Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes**: uma revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia), Universidade Federal de Alfenas, 2022.

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

Outro detalhe importante é que os textos podem ter mais do que um autor. Quando há dois autores, basta acrescentar um ponto e vírgula após a inicial do autor e colocar o sobrenome do segundo autor em caixa alta e a inicial do seu primeiro nome da mesma maneira que se fez com o primeiro autor. Se houver um terceiro autor, basta repetir o mesmo processo. Quando há quatro ou mais autores, basta indicar o primeiro autor seguido da expressão “et al.”, que significa “e outros” em latim”. Os

exemplos abaixo ilustram esta explicação:

SILVA, J. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

SILVA, J.; BARBOSA, F. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

SILVA, J.; BARBOSA, F.; ANDRADE, C. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

SILVA, J. et al. Estratégias de fidelização de consumidores de restaurantes. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 3, 2022.

Como já vimos, normalmente utilizamos apenas o último sobrenome do autor e desconsideramos palavras como “da” e “dos”. No entanto, a ABNT orienta a utilizar o penúltimo sobrenome no caso em que o último sobrenome é Filho, Júnior e Neto:

José Sampaio da Silva -> SILVA, J.

Carolina Moraes dos Santos -> SANTOS, C.

José da Silva Filho - > SILVA FILHO, J.

José da Silva Júnior - > SILVA JÚNIOR, J.

José da Silva Neto - > SILVA NETO, J.

No site da disciplina há mais exemplos de referências. Além disso, para saber mais sobre elas, você

pode consultar o *Manual de Normalização da Unifal* (UNIFAL, 2022).

3.5 Outros formatos

Antes de encerrar este capítulo, agora que já conhecemos as normas da ABNT sobre chamadas e referências, vejamos a diferença entre elas e outros formatos. Observe os três trechos abaixo. Apenas o primeiro deles está de acordo com as normas da ABNT:

O marketing de influência possui diversas vantagens em relação às formas tradicionais de chegar ao consumidor, tais como anúncios de tv, outdoors e até mesmo anúncios em redes sociais (Souza, 2018). Um dos principais fatores é o estabelecimento de uma relação mais direta entre a marca e o consumidor a partir da sensação de proximidade ou até mesmo de intimidade que o consumidor tem em relação ao influenciador (Santos; Silva; Santos, 2016).

O marketing de influência possui diversas vantagens em relação às formas tradicionais de chegar ao consumidor, tais como anúncios de tv, outdoors e até mesmo anúncios em redes sociais (Souza, 2018). Um dos principais fatores é o estabelecimento de uma relação mais direta entre a marca e o consumidor a partir da sensação de proximidade ou até mesmo de intimidade que o consumidor tem em relação ao influenciador (Santos, Silva & Santos, 2016).

O marketing de influência possui diversas vantagens em relação às formas tradicionais de chegar ao consumidor, tais como anúncios de tv, outdoors e até mesmo anúncios em redes

sociais¹. Um dos principais fatores é o estabelecimento de uma relação mais direta entre a marca e o consumidor a partir da sensação de proximidade ou até mesmo de intimidade que o consumidor tem em relação ao influenciador².

Isso acontece porque as normas da ABNT são obrigatórias para todos os trabalhos acadêmicos no Brasil, mas as revistas científicas não são obrigadas a segui-las. Muitas vezes, elas preferem seguir alguma regra de formatação internacional.

As principais diferenças nos casos apresentados em relação às normas da ABNT são as seguintes. O segundo trecho usa vírgula ao invés de ponto e vírgula entre os sobrenomes, além de utilizar o "e" comercial (&). O terceiro exemplo usa notas de rodapé para apresentar as referências.

Há ainda um quarto tipo de sistema de referência. Ele é difícil de explicar em apenas um parágrafo, por isso, para ver um exemplo, sugiro que você pesquise o artigo "Publicidade de alimentos direcionada à criança e ao

adolescente no Brasil" (MATOS et al., 2023). Este sistema também usa notas, mas ao invés de aparecerem no pé da página, elas aparecem ao final do texto. Porém, o número das notas fica correspondendo àquela referência que foi citada. Assim, se a referência for a terceira a ser citada, ela fica associada ao número 3. Se depois da décima referência, aquela terceira referência for citada novamente, uma nota de número 3 aparecerá depois do número 10 e não o número 11 como seria de se esperar. Veja o artigo que indiquei acima para entender melhor.

Embora o formato da ABNT seja a norma nas universidades brasileiras, há diversos outros formatos de referência. Como exemplo, os exemplos abaixo mostram os formatos ABNT, MLA e APA para uma mesma referência. Note como apenas na ABNT há ponto e vírgula, caixa alta e negrito:

FRASER, M.; GONDIM, S. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

Fraser, M., and S. Gondim. "Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa." *Paidéia*, 14(28): 139-152.

Fraser, M., & Gondim, S. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152.

¹ SOUZA, I. O que é Marketing de Influência e como ele pode ajudar a sua estratégia digital? **Rock Content**, 2018. Disponível em: rockcontent.com/br/blog/marketing-de-influencia Acesso em: 06 de outubro de 2022.

² SANTOS, S.; SILVA, P.; SANTOS, J. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. **Anais ...** Caruaru-PE, 2016.

4 Orientações sobre o artigo

4.1 A definição do objetivo da sua pesquisa

Depois de escolhido o tema do artigo, é preciso definir seu objetivo. É quase a mesma coisa, mas é uma indicação mais específica, mais rigorosa, da intenção do texto.

Por isso, um tipo de questão muito comum em bancas de apresentação de TCC e nas avaliações dos artigos são: qual é o objetivo do artigo? Qual é seu problema de pesquisa? Qual pergunta você gostaria de responder com seu trabalho? Portanto, para responder a estas perguntas é importante que a intenção do seu texto esteja definida de maneira muito clara. Por isso, é preciso indicar o que você pretende com seu trabalho em três lugares: no resumo, na introdução e nas considerações finais.

Além disso, há uma segunda questão recorrente: o artigo cumpre esse objetivo? Os trabalhos acadêmicos não devem ter a pretensão de esgotar o assunto que escolhem analisar, já que esta é uma tarefa impossível dada a quantidade de aspectos que podem ser considerados sobre

qualquer assunto. Portanto, neste contexto, “cumprir o objetivo” não significa esgotar o tema, mas sim perseguir o objetivo de maneira clara, dando prioridade aos tópicos centrais e sem se perder em pontos menos relevantes.

Este é, aliás, um problema comum em trabalhos de pesquisadores iniciantes, se desviar do assunto, fugindo do objetivo que havia sido proposto. Por exemplo, em um artigo sobre a situação do mercado pet no Brasil fazer uma longa descrição sobre a história da chegada dos animais domésticos no país e dedicar apenas poucos parágrafos a apresentar os dados atuais sobre este setor. Este é um erro grave pois mostra um descasamento entre o objetivo e o conteúdo do texto. Uma solução possível em um caso como este é ajustar o objetivo do texto para que ele reflita adequadamente o conteúdo do artigo. Não se deve ter vergonha de mudar o objetivo da pesquisa. Na verdade, este tipo de ajuste é um resultado natural da atividade de pesquisar, de descobrir novas informações e estabelecer conexões entre elas.

Se o objetivo não for muito claro, sua pesquisa será confusa. Se ele for muito amplo, seu trabalho ficará incompleto. Como dentro de um mesmo tema há vários aspectos que seria possível analisar, é preciso delimitar o

objeto, recortar o tema, focando em apenas uma parte do assunto.

Aqui estão alguns exemplos de objetivos:

- explicar o que é a Taxa Selic;
- explicar como é feito o cálculo do imposto de renda de pessoa física e a aplicação de suas deduções;
- descrever as principais características dos consumidores de cursos online;
- comparar o comportamento do consumidor em lojas físicas e lojas online;
- apresentar as principais vantagens e desvantagens do Simples Nacional;
- apresentar as vantagens e desvantagens dos dois principais sistemas de amortização de empréstimos, Tabela Price e Sistema de Amortização Constante (SAC);

Note o uso de verbos como descrever, apresentar, comparar, explicar etc. Note também como são objetivos bastante simples, humildes até. A intenção dessa disciplina é te ajudar a aprender a fazer um trabalho simples, mas bem feito. Depois de ganhar segurança nesse primeiro passo, em suas outras pesquisas, você poderá abordar

temas mais complexos e perseguir objetivos mais sofisticados.

Para ver exemplos de objetivos em outras áreas, consulte a página dos TCPs já defendidos.

4.2 Escolhendo o título do seu artigo

Os títulos de artigos científicos devem ser informativos, indicando qual o objetivo do texto e, se possível, os aspectos principais da metodologia adotada. Por isso, eles tendem a ser longos e detalhados.

A estratégia mais comum para deixar o título mais atrativo é dividi-lo em título e subtítulo, separados por dois pontos. Outra estratégia, é usar uma pergunta no título ou no subtítulo. Veja alguns exemplos:

- Análise financeira de empresas enquadradas no Simples Nacional: uma comparação entre dois casos.
- As políticas públicas para a primeira infância: uma análise sob o olhar de classe, raça e sexo.

- Uma análise da revolução tecnológica no mercado de seguros: o crescimento das *insurtechs* e das *healthtechs*.
- Há evidências de desindustrialização precoce no Brasil? Uma revisão da literatura.

4.3 O resumo do seu artigo

O resumo é uma parte decisiva do seu artigo. Quando estamos pesquisando um assunto, lemos dezenas de resumos para só então decidir quais serão aqueles artigos que realmente leremos do começo ao fim. Por isso, o resumo deve servir como uma miniatura do seu trabalho.

Portanto, o resumo não é uma introdução ao artigo, mas sim um substituto do texto todo, resumindo os aspectos mais importantes. Por causa disso, todo resumo deve incluir três aspectos do seu trabalho: objetivo, metodologia (pode incluir também o roteiro do artigo) e resultados.

Como vimos no segundo capítulo, há diferentes metodologias que os pesquisadores podem utilizar. No entanto, aqui na disciplina, todos os artigos deverão fazer uma revisão de literatura narrativa, a metodologia é mais

simples. Basta escrever algo como: "a metodologia adotada é a revisão de literatura a partir do Google Acadêmico e das informações contidas no site do Banco Central" (substituindo Banco Central por outros sites que tenham sido importantes para sua pesquisa). O resumo deve ter apenas um parágrafo e ter entre 100 e 200 palavras.

4.4 A estrutura do seu artigo

Todos os artigos da disciplina devem ter a seguinte estrutura:

Capa
 Folha de rosto
 Resumo (um parágrafo)
 Incluindo objetivo, metodologia e resultados.
 Sumário
 1- Introdução (cerca de uma página)
 Incluindo apresentação, justificativa, objetivo, metodologia e roteiro.
 2- Você escolhe o título (de 2 a 4 páginas)
 3- Você escolhe o título (de 2 a 4 páginas)
 4- Considerações finais (cerca de meia página)
 Incluindo uma síntese do conteúdo e as limitações da pesquisa.
 Referências

Como você pode ver, a primeira e a quarta seções já são predefinidas. Por isso, o foco da sua atenção deve estar em escolher o título e o conteúdo da segunda e da

terceira seções. Isso vai determinar como você organizará seu texto.

Um mesmo tema pode ser organizado de diferentes maneiras. Por exemplo, se seu tema é a comparação entre consumidores de lojas de vestuário físicas e online, você poderia organizá-lo de diferentes maneiras:

Introdução
O consumidor tradicional
O consumidor online
Considerações finais

Introdução
O crescimento do mercado de vestuário online
As características dos consumidores digitais
Considerações finais

Introdução
Por que tantos consumidores preferem as compras online?
Por que ainda existem consumidores que preferem as lojas físicas?
Considerações finais

Cada uma dessas estruturas, dá um foco diferente à pesquisa. Como você pode ver, a escolha de qual é melhor estrutura depende de qual é seu objetivo com o texto (ser mais geral ou ser mais específico, mais didático ou mais detalhado etc.).

Se achar necessário, você pode criar mais seções entre a introdução e as considerações finais. Também é possível criar subseções, por exemplo, dividindo a seção 2 em 2.1 e 2.2.

4.5 A introdução

A introdução deve conter a apresentação do tema, a justificativa da pesquisa, a indicação do objetivo, a metodologia a ser utilizada e o roteiro do artigo no último parágrafo. A introdução normalmente não é muito longa, ficando em torno de quatro parágrafos. Aqui está uma sugestão de conteúdo.

No primeiro parágrafo, apresente seu tema de maneira interessante, indicando a justificativa, a importância do tema. Se quiser, pode usar dois parágrafos para isso.

Em seguida, delimite seu objetivo e indique qual será a metodologia da pesquisa. No caso do artigo para nossa disciplina, a metodologia é a revisão de literatura narrativa.

O último parágrafo deve ser um roteiro com o conteúdo das seções. Por exemplo, "o artigo está dividido em quatro seções, além da introdução e das considerações

finais. A segunda seção apresenta (...). Em seguida, a terceira seção analisa (...).

4.6 O desenvolvimento

As seções entre a introdução e as considerações finais são chamadas de desenvolvimento. Mas, atenção, o título delas não deve ser desenvolvimento. Você pode escolher os títulos que considerar mais adequados (se precisar de inspiração, veja o artigo modelo e os TCPs já defendidos).

Na segunda seção é comum encontrar as definições dos principais conceitos importantes para seu tema (p. ex., o que é ICMS, o que é passivo não circulante etc.). Essas definições são chamadas de referencial teórico.

O restante do conteúdo é composto pelas informações que você reuniu nas fontes que pesquisou. Você pode ir misturando e comparando as ideias de diferentes artigos, reportagens, sites e outros textos para organizar o assunto da maneira que considerar mais adequada. Também pode ser muito interessante apresentar exemplos e estudos mais detalhados de casos específicos que ilustrem as ideias que foram apresentadas.

Se for citar muitos dados, é importante usar algumas estratégias para tornar a leitura mais agradável e facilitar a compreensão, pois uma grande quantidade de números pode tornar a leitura muito difícil. Em primeiro lugar, a maior parte dos dados deve estar em tabelas e gráficos, não no texto. Além disso, sempre que possível, apresente-os em forma de proporções (isto é, porcentagens ou números relativos), variações (mudanças percentuais) e rankings. Por fim, use mais do que uma decimal apenas quando houver valores muito semelhantes.

4.7 As considerações finais

Essa seção também é chamada de "conclusão". Porém, há pessoas que consideram que é inadequado chamá-las assim, pois você não está encerrando o assunto, apenas fazendo uma contribuição. Considero essa crítica muito exagerada. No entanto, por via das dúvidas, para evitar reclamações irrelevantes sobre seu trabalho, sugiro que você a chame de "considerações finais".

Essa última seção tem apenas três ou quatro parágrafos. Se limite a dois conteúdos: (1) resumir os resultados do seu texto de maneira clara, não apresente

ideias novas; e (2) indicar limitações de sua pesquisa e sugerir pesquisas futuras. Este último ponto é uma maneira de antecipar críticas que poderiam ser feitas a seu trabalho. Você deve pensar em aspectos que poderiam ter sido analisados e explicar porque eles não foram explorados. Por exemplo, em um artigo sobre o mercado pet, mencionar que seria interessante analisar o setor de cuidados médicos para os animais, mas dizer que este tópico não foi analisado por falta de espaço ou porque o foco do artigo era o setor de alimentação dos animais.

4.8 Os artigos empíricos

No artigo da disciplina, vocês deverão fazer apenas uma revisão de literatura narrativa, não poderão fazer estudos empíricos, isto é, entrevistas ou análises estatísticas. No entanto, é importante que vocês saibam que os artigos empíricos têm uma estrutura um pouco mais rígida do que aquela que vimos acima (introdução, desenvolvimento e considerações finais).

Eles normalmente seguem a seguinte estrutura:

1. Introdução
2. Referencial teórico
3. Metodologia

4. Resultados e discussão
 5. Considerações finais
- Referências

A segunda seção, onde está o referencial teórico, é um tipo de revisão de literatura, como a que estamos fazendo aqui. Porém, nesse caso, os pesquisadores usam a análise dos trabalhos anteriores para reunir informações necessárias para suas entrevistas e métodos estatísticos.

Outra diferença é que os artigos empíricos possuem uma seção específica para apresentar sua metodologia, pois ela normalmente envolve diversos detalhes importantes: qual a origem dos dados. Se forem dados primários (coletados pelo pesquisador), indique a técnica de coleta (questionários, entrevistas em profundidade, grupo focal, etnografia etc.). Se forem dados secundários, indique a fonte dos dados (Banco Central, IBGE, Bovespa, etc.); qual o tamanho da amostra e quais os recortes temporal e geográfico (quais os anos e qual a região analisada); qual a técnica de análise dos dados (análise de regressão, análise de agrupamento, análise do discurso etc.).

Em seguida, a quarta seção apresenta os resultados da pesquisa e os compara aos estudos anteriores.

Como eu disse, aqui na disciplina vocês não devem seguir essa estrutura (introdução, referencial, metodologia,

resultados e considerações finais), mas sim a estrutura mais simples (introdução, segunda seção, terceira seção e considerações finais). Contudo, saber que existe essa estrutura mais rígida vai te ajudar a ler os artigos para sua pesquisa e poderá ser pedida pelo seu orientador de TCC.

5 Dicas de escrita e outros temas

5.1 Como escrever com mais facilidade

Nosso objetivo aqui é aprender a escrever por prazer, não por obrigação. Com empolgação, não com tédio, pois, como já vimos, escrever bem é importante não apenas para fazer seu TCC, mas para te ajudar a organizar as ideias, acalmar seu pensamento e também para aumentar suas qualificações profissionais.

Você provavelmente terá que escrever em muitos momentos da sua profissão: vai conversar com clientes por WhatsApp, argumentar com colegas por e-mail, talvez tenha que escrever relatórios, elaborar projetos de novos produtos e realizar diversas outras atividades em que escrever melhor vai aumentar suas oportunidades profissionais. Por isso, é muito importante ser capaz de apresentar suas ideias de maneira clara através da escrita e não cometer erros graves de gramática.

Como fazer isso? Como vencer a dificuldade de colocar as ideias no papel? Sugiro começar fácil, usar a escrita livre para aquecer, escrever rascunhos em primeira pessoa quando não estiver com vontade de escrever ou

ainda não souber muito bem o que quer falar e observar suas emoções, para conseguir estimular sentimentos positivos (empolgação, confiança) e evitar sentimentos negativos (raiva, frustração, preguiça). Vejamos cada um desses pontos com mais calma.

É muito comum ter dificuldade de escrever, mesmo entre quem já escreveu muito e até mesmo entre quem gosta de escrever. Muitas vezes, a maior dificuldade é simplesmente não ter vontade de escrever, estar desanimado. Outra dificuldade comum é achar que o que escreveu está ruim, errado, confuso, mal escrito.

Os dois motivos, claro, estão ligados. Ficamos sem vontade de escrever porque pensamos que vai ser sofrido e além disso esse sofrimento vai ser inútil porque o resultado será ruim. Por isso, não treinamos, não melhoramos e não ganhamos confiança e ladeira abaixo em um ciclo de frustração, vergonha, tristeza e raiva. “Não sirvo para isso”, “que coisa mais chata”, “isso não serve para nada”, “nunca fui bom para escrever”, “achei que não teria mais que fazer redação”, “escrever é muito ultrapassado”.

O antídoto para quebrar esse ciclo é a escrita livre: escrever alguns minutos sobre qualquer assunto, apenas para você mesmo, sem mostrar para ninguém, sem se

preocupar com a qualidade (Cruz, 2019). Nem conexão, nem pontuação, nem acentos, letras faltando. Nada. Aqui está um exemplo:

Hoje acordei um pouco mais tarde porque é sábado. Não tenho nenhuma obrigação, adoro dias assim, longos, sem nada para fazer. Tomei café bem devagar, olhando pela janela. Depois voltei para a cama hehe Fiquei conversando com minha mãe mais ou menos meia hora. Depois já fui picar legumes pro almoço.

Meu exemplo ficou parecendo um diário, mas poderia ser uma descrição do que você está vendo ao seu redor, os planos para uma viagem, uma lista de suas comidas favoritas ou qualquer outro estilo de texto. A ideia é apenas escrever o que vem à cabeça, sem se corrigir, pois criar um texto e corrigi-lo exigem recursos diferentes do seu cérebro. Para criar é preciso fluxo, espontaneidade. Para corrigir é preciso analisar detalhes, ir e voltar, comparar. Se você ficar parando para se corrigir, perde o fluxo, a empolgação. Ficar procurando a palavra certa ou ficar pensando se o professor vai entender engasga o pensamento. Por isso, é preciso separar completamente a criação da revisão do texto.

Esse tipo de exercício serve para aquecer, ativar certas partes do seu cérebro que não foram muito usadas nos últimos tempos. Serve para encontrar dentro de você o

caminho até as palavras, limpar a cabeça, aprender a conectar, encadear ideias.

Uma vantagem dessa escrita livre é que você consegue escrever mesmo quando está sem vontade, sem inspiração. Afinal de contas, você não vai mostrar para ninguém e nem há nenhuma obrigação de ficar bom. O objetivo é apenas escrever qualquer coisa, sem esforço.

Porém, a mágica que isso vai fazer é mostrar que você consegue escrever, consegue colocar uma palavra depois da outra. E vão aparecer palavras e ideias que você nem sabia que tinha. Dessa maneira, você começa a substituir emoções ruins por bons sentimentos. Apenas sentir que você consegue escrever alguma coisa já é importante. Mostra que você é capaz. Troca pensamentos ruins, limitadores, por pensamentos positivos, que te fazem ter mais confiança.

Isso está baseado em uma ideia que serve para muitos aspectos de nossa vida. Começar fácil em tudo: exercícios, dieta, tocar um instrumento etc. Começando de maneira fácil uma atividade é mais provável que você vai tomar gosto, não vai desistir, porque você vai sofrer menos e ficar feliz com os progressos ao invés de frustrado com as limitações.

Por exemplo, se você quer começar a correr, não vai conseguir correr 5 km todos os dias. Então, quando estiver desanimado, apenas caminhe. Talvez dali a 10 minutos, tente correr 1 km. Caminhe mais 2, depois corra uns 500 m, depois complete os 5 km caminhando. No final, você não correu 5 km, mas pelo menos correu 1,5 e caminhou 3,5. Já é alguma coisa. Bem melhor do que desistir ou correr só por obrigação e começar a odiar corrida. Como diz o pessoal das academias, treino ruim é aquele em que você não foi. Se você foi, já está valendo, é muito melhor do que nada, do que não ir.

A ideia de começar fácil também te faz perceber que em muitos casos você não precisava ter vontade para começar, que muitas vezes a vontade vem depois, não antes. Por isso, voltando ao nosso tema, use a escrita livre para escrever mesmo quando você estiver desanimado.

Então, essa é a escrita livre, sobre qualquer assunto, apenas para para aquecer, ativar partes do cérebro que estavam desligadas, criar o hábito de escrever, começar fácil e conseguir escrever mesmo sem ter vontade, aprendendo que a vontade muitas vezes vem depois. Pode ser no papel, no celular ou no computador, o que você achar mais gostoso. Se usar o computador, sugiro que você

desligue o corretor ortográfico, para se concentrar em escrever, sem se incomodar com os erros.

O próximo passo é começar a montar o texto que você precisa escrever, o artigo da disciplina, o TCC ou um email importante de trabalho. Aqui a ideia também é começar fácil e ir devagar e sempre. Minha sugestão é que você comece com um pequeno texto sobre o assunto, dois ou três parágrafos, só para te ajudar a pensar. Pode escrever como escrita livre, é só para você mesmo, para identificar o que você já sabe sobre o assunto.

O passo seguinte é montar a estrutura do texto, um esquema indicando a ordem das coisas sobre as quais você vai falar. No artigo da nossa disciplina, já temos uma estrutura inicial: título, resumo, introdução, segunda seção, terceira seção e considerações finais. No resumo é preciso indicar o objetivo, mencionar que a metodologia é a revisão de literatura narrativa e listar os principais resultados. Na introdução, você deve repetir o objetivo, explicar por que o assunto é importante (a justificativa) e apresentar o conteúdo de cada seção (o roteiro do artigo). Sua liberdade está no conteúdo das seções 2 e 3. Você deve escolher o título de cada uma delas e planejar o conteúdo, lembrando que cada uma delas deve ter entre duas e quatro páginas.

Imagine que seu artigo é sobre financiamento de imóveis. Uma maneira de explicar seu tema seria usar a segunda seção para tratar da quantidade de financiamentos nos últimos anos para, depois, na terceira seção, apresentar um panorama das taxas de juros praticadas atualmente. Conseguir pensar nessa divisão do tema já te ajuda a saber o que escrever em cada uma das seções. Na segunda seção, você pode anotar que vai ter que falar se os financiamentos aumentaram ou diminuíram recentemente e também vai precisar mencionar quais são as principais regras desse tipo de empréstimo e se elas sofreram alguma modificação. Pronto, apenas anotando isso, você já afasta algumas preocupações. Já sabe sobre o que vai precisar falar. Agora é ir atrás dos assuntos.

Então, repetindo. Monte um esquema do seu texto: quais as principais divisões e o que você tem que falar em cada uma delas. Isso te dá um norte. Claro, você pode mudar depois. É comum descobrirmos novas coisas que precisam ser ditas ou que algo em que tínhamos pensado não é nada interessante. Afinal de contas, uma pesquisa é justamente isso, aprender sobre um assunto, mudar o que você pensava sobre ele.

O próximo passo é ir escrevendo rascunhos dentro de cada uma das divisões, pode até ser em primeira pessoa mesmo (Cruz, 2019), por exemplo:

Aqui na introdução preciso explicar que os financiamentos são a única maneira que muitas pessoas têm para conseguir comprar a casa própria, mas muitas delas não entendem como eles funcionam porque eles são muito complicados e isso pode fazer com que elas façam escolhas ruins e depois percam a casa porque não conseguiram pagar.

Essas frases estão muito ruins, mas não tem problema, o objetivo agora não é ficar bom, mas apenas registrar as ideias e ir recheando a estrutura. É mais fácil começar escrevendo coisas assim do que tentar já escrever um texto bom na primeira tentativa. Escreva as ideias da maneira que estão na sua cabeça, sem se preocupar com a qualidade. Isso te ajuda a organizar o texto e diminuir a angústia. Em algum dia, você volta àquele trecho e reescreve de maneira adequada.

A ideia é primeiro fazer de qualquer jeito, depois melhorar. Como diz o ditado, não deixe o ótimo ser inimigo do bom. Um trabalho ruim é muito melhor do que nenhum trabalho. Quer dizer, ficar esperando para conseguir algo excelente na primeira tentativa vai te atrapalhar a fazer o que é suficiente. Uma estratégia muito menos sofrida é

primeiro fazer algo simples que cumpra o objetivo e depois ir melhorando, com a tranquilidade de que a missão já foi cumprida.

Então, reforçando: o rascunho é uma forma de escrita livre, mas agora sobre o assunto mesmo do seu texto. Ele serve para registrar ideias, para quando sei o que quero dizer, mas não consigo colocar no papel. Comece pelo que você sabe, acha mais fácil, tem mais clareza.

Esse rascunho pode ser no meio do texto quase pronto. Muitos alunos já fazem isso. É comum me pedirem para olhar algum texto que ainda não está pronto e me avisarem que não é para ler o que está em vermelho porque é uma parte que ainda não está finalizada. Você pode falar coisas como "falta conectar essas duas partes", "um jeito de explicar essas coisas seria mostrar que elas são usadas por empresas diferentes" etc.

Um aspecto muito bonito dessa maneira de escrever é que ele permite o avanço pela aproximação. Você vai construindo o texto em pequenos pedaços, vai mexendo no assunto, como se estivesse tateando no escuro, até achar o fio da meada. Aí, aos poucos, quando as coisas vão se encaixando, uma coisa vai levando a outra.

Isso acontece porque a escrita é um processo de descoberta, investigação, pesquisa, aprendizado. Normalmente pensamos que estamos escrevendo para transmitir o que já sabemos, porém o mais comum é descobrirmos novas ideias enquanto estamos escrevendo. Por isso existe o TCC, para você aprender mais, não apenas para mostrar o que já sabe.

Essa é minha parte preferida em escrever. O prazer de pensar em uma ideia nova porque estou escrevendo. Isso acontece porque o pensamento na nossa cabeça é uma bagunça, vai e volta, diz e desdiz, descobre e esquece, é rápido, arisco, confuso. Falar, conversar com alguém, também é assim, vai e volta, fala uma coisa, depois fala outra, esquece o que falou. A escrita é o contrário, ela é lenta, exige esforço, exige conexão, as palavras ficam paradas na tela ou no papel, não é a mesma maluquice agitada do pensamento ou da conversa. Isso permite que você organize o pensamento.

Por fim, a importância da regularidade e da prática. Aprender a escrever não é como aprender o nome de uma pessoa ou o preço de um produto. Escrever é uma habilidade, não um conjunto de informações. Por isso, é preciso praticar. Se não treinar sua escrita, é como se você

ficasse apenas lendo sobre andar de bicicleta, sem nunca realmente montar em uma e pedalar.

Praticar uma coisa é importante para deixá-la mais automática e assim mais fácil. Se você já aprendeu a dirigir, sabe do que estou falando. No começo parece impossível conseguir pensar no retrovisor, na marcha, no freio e no acelerador ao mesmo tempo. Mas depois, com o tempo, você consegue fazer tudo sem pensar. O mesmo acontece quando aprendemos uma receita nova, um jogo de cartas diferente ou um esporte novo. Quanto mais praticamos, mais a atividade fica automática e fácil. Você já sabe disso.

Por isso, aproveite o prazo até a data para finalizar o artigo para desenvolver sua habilidade de escrever, deixá-la mais fácil, gostosa e rica. Isso é algo que você vai levar para a vida toda. Uma boa maneira de praticar a escrita é usar situações do seu cotidiano. Tente ser mais detalhado nas anotações que fizer quando estiver estudando para outras disciplinas. Nas conversas de WhatsApp e nos comentários em redes sociais, tente escrever com algumas frases a mais, explicando melhor seus pensamentos e dando mais detalhes sobre as histórias que estiver contando. Essa é uma maneira bastante divertida de melhorar sua escrita.

Pronto, essas são as dicas mais importantes que eu tenho para dar: começar fácil, usar a escrita livre para aquecer, montar um esquema do que você vai escrever, escrever rascunhos em primeira pessoa para guardar as ideias e usar situações do cotidiano para praticar a escrita. Agora, alguns comentários finais.

Quando começar? Um pouco sempre. Não demore a escrever, não espere ler tudo que você pesquisou sobre o assunto para só então escrever, não espere ter muita confiança ou clareza. Quando entender alguma coisa interessante, escreva. Quando já tiver alguma organização mínima sobre o assunto na sua cabeça, escreva. No mínimo, foi treino. Se achar explicações melhores, basta substituir. Assim, você já terá um texto com o qual trabalhar e não sofrerá com a ansiedade de não conseguir. Repita comigo, um trabalho ruim é muito melhor do que nenhum trabalho. Não deixe o ótimo ser inimigo do bom.

Quando parar de escrever em cada dia? Se prepare para uma resposta surpreendente. Você deve parar em alguma hora em que estiver muito empolgado, no alto da motivação (Cruz, 2019). Isso serve para criar uma lembrança boa da escrita, associar o ato de escrever com emoções positivas, com empolgação, não com cansaço.

Pare quando você ainda tem ideias, sabe o que escrever, antes de ficar cansado e sem ter o que dizer. Assim, o prazer continua mais tempo, dura até o dia seguinte. Quando pensar no tempo que ficou escrevendo, você vai ter uma lembrança boa e quando pensar que vai ter que escrever mais amanhã, você vai pensar nisso com prazer. Esse é um segredo muito importante para ter uma escrita prazerosa e fluente. Inclusive, pare no meio de frases e parágrafos. Assim, quando você voltar é mais fácil pegar embalo, porque já vai ter o que dizer. Então, pare quando ainda tiver ideias.

Algo que traz muitos sentimentos bons é a sensação de avanço. Você sentir que as coisas estão andando. Por isso, eu gosto de ajustar a formatação, fazer capa e referências mesmo quando o texto ainda está no começo. Quando estou sem ideias do que escrever, aproveito para já adiantar estas questões formais que não precisam de muito pensamento, como elaborar as referências, por exemplo. Deixar a formatação pronta faz com que o texto já pareça bem adiantado e bem feito e assim me sinto mais motivado.

Como dito acima, outro ponto essencial para alimentar emoções boas é criar metas fáceis, realistas, pois isso gera satisfação, orgulho (Cruz, 2019). Dois parágrafos

por dia, talvez uma página, o que você achar confortável. Escreva aos poucos, em vários dias, ao invés de escrever muito mas de maneira corrida, maçante, cansativa. Se escrever muito em um certo dia, ótimo. Muitas vezes começamos sem vontade, mas então entramos no fluxo e não queremos parar. Não use metas que exijam muito esforço, porque vão trazer sentimentos negativos, você vai se xingar, ficar decepcionado, preocupado. Metas fáceis geram sensação de avanço, a felicidade gostosa de ver que você conseguiu fazer mais um pouco, que as coisas estão andando bem.

Depois de escrever todo o conteúdo, melhore o texto em mais de uma revisão, em momentos diferentes. Revisar apenas uma vez não é suficiente. Escreva de manhã e releia à tarde. Ou escreva hoje e revise amanhã. Mesmo no caso de escritores experientes, a primeira versão quase nunca é a melhor que ele é capaz de fazer. E, na maior parte das vezes, mesmo no caso deles, a última versão também não é perfeita. Ora, é por isso que as editoras exigem que o texto passe por revisores. Como eu disse acima, quando estiver escrevendo é bom desligar o corretor ortográfico, para melhorar o fluxo da escrita. Porém, quando o texto estiver pronto, é essencial religar o corretor.

Tendemos a não ver os erros que cometemos, pois já estamos muito acostumados com o nosso texto.

Isso leva a outra dica. Mostre seu texto para outras pessoas. Para os colegas, para sua mãe, para um tio ou um amigo. Não precisa ser o texto inteiro, apenas a parte que te gera mais dúvidas. Não tenha vergonha de errar. Todo mundo erra, mas alguns fingem que não. Estes sofrem muito mais.

Uma dica muito legal para escrever mais é escrever um diário, que é o lugar natural da escrita livre. Há muitos estudos mostrando que escrever um diário traz vários benefícios (Revista Galileu, 2017): diminui o risco de depressão e ansiedade, acalma, ajuda a dormir melhor, ajuda a reconhecer as coisas boas na sua vida, a ter clareza sobre seus problemas, a fixar a aprendizagem, desenvolve a capacidade de se comunicar, limpa a cabeça, gasta de forma construtiva a energia de querer ficar analisando as coisas, te força a ser linear, organizado, enfraquece pensamentos negativos repetitivos porque os torna tediosos e diversas outras vantagens. Como se tudo isso não bastasse, escrever um diário é a melhor maneira de desenvolver sua capacidade de escrever, pois você

estará escrevendo sem pressão, sem ser avaliado e sobre um assunto sobre o qual você tem muito a falar, a sua vida.

Resumindo, não veja a tarefa de escrever o artigo dessa disciplina como uma chatice irrelevante. Afinal de contas, você pode escolher qualquer tema. Não veja como uma obrigação, mas como um prazer. Veja como uma chance de desenvolver uma habilidade muito importante para sua vida profissional e pessoal, algo que vai tornar sua vida melhor.

5.2 Como conectar melhor as ideias

Vejamos agora algumas dicas sobre a escrita propriamente dita. Uma dificuldade comum ao escrever é conectar as ideias. A ferramenta essencial para isso são as palavras conhecidas como conectivos. Antes de falar deles, porém, é importante pensar sobre o tamanho das frases e dos parágrafos, pois eles servem justamente para organizar suas ideias. Por isso, quando eles são muito pequenos deixam o texto fragmentado, desconexo. Ele fica parecendo um texto infantil. Por outro lado, frases e parágrafos muito grandes deixam o texto confuso, complexo demais. Então, fique atento aos três pontos a seguir:

- Prefira frases de 2 a 4 linhas.
- Prefira parágrafos de 3 a 10 linhas.
- Se seu parágrafo tem mais do que três linhas e apenas apenas uma frase, cuidado, talvez seja melhor dividi-la em duas ou mais.

Então, a sugestão é que você tente fazer parágrafos entre 3 e 10 linhas e com mais de uma frase. No entanto, não há problema em ter alguns parágrafos menores ou maiores do que isso. É apenas uma sugestão, mas evite fazer vários parágrafos muito pequenos ou muito grandes em seguida, para evitar que seu texto fique desconexo ou confuso. Tome o artigo modelo como exemplo. Como você pode ver, ele tem alguns parágrafos pequenos, mas alternados com parágrafos médios e alguns poucos parágrafos grandes.

Outra dica para deixar seu texto mais organizado, dando mais conexões às ideias, é usar listas, entendidas em um sentido amplo. Isso é muito útil quando o assunto que você está tentando explicar possui mais de um tipo, aspecto, elemento ou perspectiva. Por exemplo:

- Há dois tipos principais de empresa: familiares e não familiares.
- O desempenho da empresa pode ser explicado por três fatores.

- Em primeiro lugar, ... Há três aspectos importantes na gestão de pessoas. O primeiro deles é a ... Em segundo lugar, é preciso levar em consideração ...
- O endividamento insustentável pode ser visto sob duas perspectivas. Por um lado, ...

Além disso, também são úteis as expressões que servem para introduzir um assunto: primeiramente, inicialmente e antes de mais nada. Nas situações acima, cada item pode ser explicado em uma frase ou em parágrafos diferentes, dependendo do tamanho da explicação. Quando quiser incluir explicações curtas sobre cada um dos itens, uma boa opção é criar listas de tópicos, como eu fiz com estes exemplos.

A terceira dica é justamente usar exemplos. Você já deve ter passado por isso. O professor está explicando um assunto e você não está entendendo nada, então ele dá um exemplo e finalmente você entende do que ele estava falando. Na verdade, nem precisa ser um professor. Pode já ter acontecido de você estar conversando com um amigo sobre uma série que vocês gostam e então ele diz que certo personagem é mau caráter. Você discorda. Ele insiste. Nesse momento, você provavelmente disse: "então, dê um exemplo de uma coisa ruim que ele fez".

Como esses casos mostram, exemplos são iluminadores, tornam as afirmações abstratas mais concretas, levam a teoria para a prática. São como ilustrações, nos ajudam a pensar. Por isso, use exemplos no seu texto. É uma boa maneira de exercer sua criatividade e eles são mais fáceis de escrever do que as explicações.

Agora, vejamos os conectivos, uma ferramenta essencial para garantir que as frases do seu texto estejam interligadas. Isto é, que haja uma estrutura em que um trecho leve a outro, ao invés de uma "colcha de retalhos" em que há diversos trechos desconexos, que não têm relação entre si. Essa conexão entre as partes do texto é chamada de coesão textual. Um bom texto é um texto coeso, organizado.

Um primeiro tipo de conectivo são aqueles usados para reafirmação. Em diversas situações, é interessante dizer a mesma coisa, mas com outras palavras, para enfatizar um aspecto diferente ou alternar entre um vocabulário técnico e um vocabulário mais simples. Nesses casos, utilize as seguintes expressões:

- Isto é, quer dizer, em outras palavras, ou seja, dito de outra maneira etc..

- Os clientes estão interessados em pagar o menor preço, isto é, em conseguir o maior benefício com o menor custo.

Um segundo tipo de conectivo são aqueles utilizados para expressar a continuação das ideias. É muito comum que a frase seguinte reforce o que foi dito anteriormente, acrescentando informações. Em situações desse tipo, você pode usar as expressões:

- Nesse caso, nesse sentido, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, além disso, por exemplo etc.
- Toda empresa precisa estar atenta ao comportamento de seus concorrentes. Nesse sentido, é importante que o empresário participe de eventos empresariais na sua região de atuação.
- A empresa contratou diversos funcionários. Além disso, investiu na criação de novos produtos.

Há também os conectivos que expressam semelhança entre as ideias, pois é muito comum que você queira aplicar uma ideia em mais de uma situação, isto é, que queira enfatizar que dois casos são semelhantes. Para isso, utilize as expressões:

- Do mesmo modo, da mesma maneira, o mesmo se aplica a, assim como etc.
- Os empresários buscam evitar custos. Do mesmo modo, os consumidores buscam o menor preço.
- Assim como os empresários buscam evitar custos, os consumidores buscam o menor preço.

O quarto tipo de conectivo é provavelmente o mais conhecido e o contrário do anterior, são aqueles utilizados para apresentar contraposições. É muito comum precisar apresentar restrições a uma ideia ou informações que entrem em conflito de alguma maneira. Essa situação é tão comum que o português possui diversas expressões para lidar com elas:

- Mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, apesar disso, embora, por outro lado, ainda que, ao invés de, pelo contrário etc.
- As vendas têm aumentado nos últimos meses. Contudo, os problemas com fornecedores também aumentaram.
- Embora a empresa esteja crescendo, os concorrentes também estão.
- Apesar de a empresa estar crescendo, os concorrentes também estão.
- Ao invés de investir o dinheiro restante depois de cobrir seus custos básicos, há pessoas que preferem consumir mais produtos.

O próximo tipo de conectivo são aqueles usados para expressar relações de causa e efeito. Elas são muito utilizadas quando estamos apresentando alguma explicação, o que acontece com muita frequência em textos acadêmicos e científicos. Nesses casos, use expressões tais como:

- Dado que, uma vez que, visto que, diante do fato de que, supondo que, por isso, logo, portanto, enfim, dessa forma, porque, pois, etc.
- O endividamento da empresa aumentou na última década. Por isso, a diretoria pretende vender parte dos ativos.
- O endividamento da empresa aumentou na última década. Portanto, a diretoria pretende vender parte dos ativos.
- Dado que o endividamento da empresa aumentou na última década, a diretoria pretende vender parte dos ativos.
- A diretoria pretende vender parte dos ativos, pois o endividamento da empresa aumentou na última década.

Uma das características de um bom texto é usar as informações que já foram apresentadas para desenvolver novas ideias. No entanto, se você fizer isso sem avisar ao leitor, ele pode achar que foi um descuido seu e considerar seu texto repetitivo ou mal feito. Por isso, o sexto tipo de conectivo serve para apresentar uma repetição intencional. Ao retomar uma ideia, use expressões tais como:

- Como já foi dito, como visto anteriormente, como apresentado na seção anterior, como visto acima etc.
- Como visto anteriormente, registrar os gastos usando uma planilha eletrônica é essencial para ter clareza sobre sua vida financeira.

Por fim, outra característica dos bons textos é oferecer sínteses do que já foi dito. Isso normalmente é feito

na seção de considerações finais, mas também pode ser feito em qualquer outra seção, sempre que se considerar útil resumir uma série de informações que tenham sido apresentadas. As expressões mais comuns são:

- Em resumo, em suma, em síntese, por fim etc.
- Em síntese, os consumidores consideram não apenas o preço, mas também a qualidade, a conveniência e o simbolismo dos produtos.

O Quadro 2 resume os conectivos apresentados.

Quadro 2 - Tipos de conectivos

Listas	Continuação	Reafirmação	Contraposições
Há dois tipos/aspectos/fatores	Nesse sentido/caso	Isto é	Mas, porém, todavia
Em primeiro lugar, primeiramente	Dessa forma/maneira/modo	Quer dizer	Contudo, no entanto, entretanto
Por um lado, por outro	Assim	Em outras palavras	Apesar disso
Estrutura de tópicos	Além disso	Dito de outra maneira	Embora, ainda que
Inicialmente	Por exemplo	Em suma/resumo/síntese	Por outro lado, pelo contrário
Antes de mais nada			Ao invés de

Repetição	Semelhança	Causa e efeito
Como já foi dito	Do mesmo modo/maneira	Dado que, uma vez que, visto que
Como dito anteriormente	O mesmo se aplica a	Diante do fato de que, supondo que
Como apresentado na seção anterior	Assim como	Por isso, logo, portanto
Como visto acima		Enfim, dessa forma pois, porque

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3 Algumas regras a seguir

Nesta seção estão reunidas algumas regras importantes sobre a escrita. A primeira delas é sobre abreviaturas. Quando usar uma abreviatura, no primeiro uso

coloque o nome por extenso antes e abreviatura entre parêntesis depois. Nas próximas vezes, basta usar a sigla. Por exemplo, “Uma pesquisa feita pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) identificou falhas em 20 mil processos. O INSS atribuiu 80% delas a fraudes”. O resumo de seu artigo e o texto principal dele contam como textos diferentes. Então, se mencionar a sigla no resumo, é preciso colocar a sigla por extenso no primeiro uso dela tanto no resumo quanto no texto principal.

Uma segunda regra tem a ver com as palavras estrangeiras e os nomes de empresas. Em geral, palavras estrangeiras devem estar em *itálico*, com exceção daquelas que já foram incorporadas ao português, como *site* e *performance*. No entanto, quando elas vão se repetir muito durante o texto, talvez seja melhor não usar o *itálico*, para não chamar a atenção do leitor desnecessariamente. Fica à sua escolha. Por exemplo, se seu artigo é sobre a *Amazon*, essa palavra não precisa estar em *itálico*. O mesmo vale para nomes de empresas, programas de TV, filmes ou livros. Eles também devem ficar em *itálico*, mas talvez seja melhor não usar o *itálico* quando estas palavras forem usadas muitas vezes durante o texto.

A terceira questão a se pensar é o uso de verbos na primeira pessoa do plural, por exemplo, "como podemos ver..." e "sabemos que as empresas...", ao invés de verbos impessoais como verbos impessoais, tais como "é possível perceber...", "sabe-se que as empresas..." ou "é sabido que as empresas". O uso da primeira pessoa é mais comum nos trabalhos acadêmicos mais ligados às humanidades, como História Econômica e Administração Pública, e menos comum nas áreas mais exatas, como a Estatística e a Atuária, que preferem os verbos impessoais. Para o artigo desta disciplina, você pode escolher qual tipo de verbo usar. No entanto, quando for escrever seu TCC ou outros trabalhos, é bom conferir se o uso da primeira pessoa é comum naquela área. Se estiver em dúvida, é melhor usar verbos em terceira pessoa.

5.4 Problemas gramaticais comuns

Nesta seção veremos os três problemas gramaticais mais comuns nos trabalhos da nossa disciplina: a concordância entre as palavras (feminino/masculino, singular/plural), a vírgula e a crase.

Porém, antes de conversar sobre eles, é preciso lembrar como identificar o sujeito e o verbo de uma frase, pois é preciso saber isso para evitar estes três erros. O sujeito da frase é quem realiza ou sofre a ação. O verbo é a ação que está sendo realizada. Veja os seguintes exemplos:

A inflação aumentou.

A inflação (sujeito) aumentou (verbo).

A inflação dos alimentos industrializados aumentou na comparação com o ano anterior.

A inflação dos alimentos industrializados (sujeito) está (verbo) aumentando na comparação com o ano anterior.

Note no segundo exemplo que o sujeito pode ser composto por diversas palavras, aquelas que estão sublinhadas na frase.

Bom, feito este lembrete sobre sujeito e verbo, vamos ao primeiro erro muito comum, a concordância entre as palavras. É preciso que os elementos principais da frase tenham o mesmo gênero (feminino ou masculino) e o mesmo número (singular ou no plural). Veja os seguintes casos:

Errado: Por causa da alteração da norma, foi necessário mudanças no cálculo da rentabilidade dos investimentos.

Correto: Por causa da alteração da norma, foram necessárias mudanças no cálculo da rentabilidade dos investimentos.

Correto: Por causa da alteração da norma, foi necessária uma mudança no cálculo da rentabilidade dos investimentos.

Correto: Por causa da alteração da norma, foi necessário mudar o cálculo da rentabilidade dos investimentos.

Errado: Apenas é considerado MEI (microempreendedor individual) as empresas com faturamento abaixo de 81 mil reais.

Correto: Apenas são consideradas MEI as empresas com faturamento abaixo de 81 mil reais.

Correto: Apenas é considerada MEI a empresa com faturamento abaixo de 81 mil reais.

Errado: A dificuldade do cálculo dos diversos impostos e taxas sobre os investimentos influenciam a escolha dos pequenos investidores.

Correto: A dificuldade do cálculo dos diversos impostos e taxas sobre os investimentos influencia a escolha dos pequenos investidores.

Note como em todos os casos a diferença entre certo e errado não está em quais palavras foram utilizadas isoladamente, mas sim na relação que elas têm entre si. Se o sujeito é feminino, o verbo deve estar no feminino. Se o sujeito está no plural, o verbo também deve estar.

Passemos agora ao segundo erro comum, o uso da vírgula. Ela é utilizada principalmente em três situações: para separar itens em uma lista, para inserir uma pequena explicação em uma frase e para mudar a ordem padrão da frase.

O uso da vírgula para separar itens em uma lista é o caso mais simples. Por exemplo, "o Brasil é um grande

produtor de minério, carne, soja, milho e café". Este caso não gera muitas dúvidas, fique atento apenas ao fato de que não há vírgula antes do "e", como em "milho e café".

A segunda situação em que a vírgula é mais usada é mais difícil de entender. Ela serve para alterar a ordem padrão de uma frase. A ordem padrão da frase é: sujeito, verbo, complementos do verbo. Essa é a ordem que facilita a compreensão. Porém, muitas vezes, pode ser necessário alterá-la para conseguir ser mais conciso ou para variar o estilo do texto, deixando-o mais interessante. Veja os exemplos abaixo:

Ordem padrão: Muitos preços subiram no último mês.

Ordem alterada: No último mês, muitos preços subiram.

Ordem padrão: Há pessoas que conseguem acumular grande patrimônio utilizando a caderneta de poupança devido a sua simplicidade.

Ordem alterada: Devido a sua simplicidade, há pessoas que conseguem acumular grande patrimônio utilizando a caderneta de poupança.

Este é um excelente recurso para melhorar sua escrita, mas tenha atenção para um detalhe, onde ocorrem os erros mais graves no uso da vírgula. Para respeitar a ordem padrão da frase não se deve colocar vírgula entre o sujeito e o verbo. Como vimos, o sujeito é quem realiza ou sofre a ação. Lembre-se que ele pode ser composto por

diversas palavras. O sujeito das frases abaixo é a expressão que está sublinhada, por isso, não pode haver uma vírgula no meio dessas expressões:

A empresa teve prejuízos.

A empresa criada pela família teve prejuízos.

O setor de vendas de peças automotivas e pequenos consertos teve prejuízos.

Errado: A empresa, teve prejuízos.

Errado: A empresa, criada pela família teve prejuízos.

Errado: O setor de vendas de peças automotivas e pequenos consertos, teve prejuízos.

A única situação em que é aceitável que haja vírgula entre o sujeito e o verbo é quando há uma frase intercalada. Porém, nesse caso há duas vírgulas, uma antes e outra depois da expressão que será inserida na frase:

Errado: A empresa criada pela família, teve prejuízos.

Correto: A empresa, criada pela família, teve prejuízos.

Frase original: A população brasileira prefere a caderneta de poupança.

Frase com explicação inserida: A população brasileira, formada principalmente por pessoas com poucos recursos, prefere a caderneta de poupança.

Frase original: O ICMS é um tributo estadual.

Frase com explicação inserida: O ICMS, um imposto sobre mercadorias e serviços, é um tributo estadual.

Correto: Muitos preços subiram no último mês.

Errado: Muitos preços, subiram no último mês.

Errado: Muitos preços, em diversos setores subiram no último mês.

Correto: Muitos preços, em diversos setores, subiram no último mês.

Por fim, há expressões que sempre exigem o uso da vírgula. Algumas antes, outras depois, além de algumas que exigem vírgulas antes e depois. Aqui estão exemplos de expressões antes das quais sempre há vírgula:

A produção da empresa aumentou, mas as vendas diminuíram.

A produção da empresa aumentou, porém as vendas diminuíram.

Os lucros aumentaram, pois as vendas têm crescido nos últimos meses.

Agora, algumas expressões em que sempre há vírgula depois:

Portanto, é preciso analisar em detalhe a variação do custo do produto.

Por isso, é preciso analisar em detalhe a variação do custo do produto.

No entanto, há outros fatores que devem ser analisados.

Contudo, há outros fatores que devem ser analisados.

Como visto anteriormente, há outros fatores que devem ser analisados.

E aqui estão algumas expressões que exigem vírgula antes e depois:

Os lucros da empresa se mantiveram estáveis, ou seja, não houve grandes variações.

Os lucros da empresa se mantiveram estáveis, isto é, não houve grandes variações.

Uma dica valiosa, que me ajuda bastante. Quando tiver dúvidas sobre o uso da vírgula no caso de alguma

expressão, faça uma pesquisa no Google Acadêmico. Por exemplo, se você quer saber se há vírgula depois de "como visto anteriormente", pesquise essa frase no Google Acadêmico e confira se os resultados usam a vírgula ou não. Não se esqueça de colocar a frase entre aspas.

Passemos agora ao terceiro tipo de erro comum, a crase. Ela é provavelmente uma das regras gramaticais que mais geram dúvidas. Talvez isso aconteça porque ela não interfere no sentido da frase. Sinceramente, devido a isso, por mim, ela poderia deixar de existir. No entanto, isso não vai acontecer, pois ela tem uma razão de existir. Então, temos que aprender a usá-la.

O mais importante é entender que a crase é o feminino da expressão "ao". Por exemplo, se dizemos "vamos te encontrar ao anoitecer", então temos que dizer "vamos te encontrar à noite".

Observe com atenção as quatro frases abaixo:

A maior parte das reclamações refere-se ao tempo de entrega dos pedidos.

A maior parte das reclamações refere-se à demora em entregar os pedidos.

A maior parte das reclamações indica o tempo para entregar os pedidos como o maior problema.

A maior parte das reclamações indica a demora em entregar os pedidos como o maior problema.

A crase aparece apenas quando o verbo exige preposição e o substantivo é feminino. O significado das frases acima é o mesmo. A única diferença é que duas delas utilizam o verbo "refere-se" (que exige a preposição) enquanto as outras duas utilizam o verbo "indica" (que não exige a preposição). Além disso, duas delas usam o substantivo masculino (tempo), enquanto as outras duas empregam um substantivo feminino ("demora"). Repetindo, a crase aparece apenas quando o verbo exige preposição e o substantivo é feminino.

Isso acontece porque o "ao" é a soma da preposição "a" com o artigo "o" ("vamos te encontrar a+o anoitecer"). Ele existe devido ao fato de que alguns verbos exigem uma preposição depois deles ("refere-se ao preço", "devido aos novos concorrentes" etc.). Quando a palavra que vem depois do verbo é feminina, ao invés de usar "ao", temos que usar crase, pois o artigo precisa ser feminino. Então, a crase representa a soma de "a" (preposição) com "a" (artigo): à = a+a. Por exemplo, "refere-se à demora" e "devido às reclamações". Observe neste último exemplo que pode haver crase também no plural.

Entendido isso, você pode entender as duas principais dicas para saber quando há crase. A primeira delas é que nunca há crase antes de palavras masculinas:

Errado: "andar à cavalo", "andar à pé", "pagar à prazo";

Correto: "andar a cavalo", "andar a pé", "pagar a prazo".

A segunda dica é um teste. Para saber se há crase, pense em um equivalente masculino. Se ele exigir "ao", há crase. Por exemplo, considere a frase "devido a falta de conhecimento, ela perdeu dinheiro". Para saber se há crase, substitua "falta" por algo parecido, mas que seja masculino. Falamos "devido o desconhecimento, ela perdeu dinheiro" ou "devido ao desconhecimento, ela perdeu dinheiro"? A resposta correta é a segunda opção. Portanto, o certo é "devido à falta de conhecimento, ela perdeu dinheiro".

Outro exemplo. "A empresa está tentando agregar mais pessoas a equipe de vendas". Há crase? Basta substituir equipe por algo parecido, mas que seja masculino, por exemplo, "time". Dizemos "agregar mais pessoas o time de vendas" ou "agregar mais pessoas ao time de vendas". Novamente, a segunda opção. Então, há crase no caso feminino, o correto é "à equipe de vendas".

Mais um exemplo. "A empresa está tentando melhorar a qualidade do produto". Há crase? Troque

"qualidade" por uma palavra masculina, por exemplo, "valor". "A empresa está tentando melhorar o valor do produto" ou "melhorar ao valor do produto". Dessa vez, a primeira opção é a correta. Portanto, não há crase em "melhorar a qualidade do produto".

Uma situação interessante é que este teste nem é necessário quando a frase já tem um elemento com "ao". Por exemplo, "a reclamação refere-se ao preço e à qualidade do atendimento". Se o elemento masculino possui "ao", o elemento feminino terá crase.

Resumindo, a crase é o feminino do "ao". Por isso, não há crase antes de palavras masculinas e, no caso de palavras femininas, basta imaginar se teria "ao" caso a palavra fosse masculina.

Aqui estão alguns verbos comuns em trabalhos acadêmicos em que a crase é necessária:

- devido à mudança / devido ao avanço
- isso deve-se à dificuldade de criar uma empresa / isso deve-se ao processo
- em relação às críticas apresentadas / em relação aos problemas apresentados
- isso refere-se às mudanças propostas / isso refere-se aos obstáculos enfrentados

- há preocupação quanto às dificuldades que isso pode gerar / preocupação quanto aos problemas.

Para terminar, dois casos estranhos. A expressão “a medida” exige crase em alguns contextos, mas não em outros:

Com crase: À medida que os preços subiram, as vendas diminuíram (indicando a passagem do tempo).

Sem crase: O lucro é a medida mais usada de sucesso de uma empresa.

Já no caso do verbo adequar, não há crase antes da coisa que está sendo adequada, mas há crase antes da coisa à qual ela será adequada.

Sem crase: É necessário adequar a empresa.

Com crase: É necessário se adequar à legislação.

Com crase: É necessário adequar a empresa à legislação.

Sem crase: É necessário adequar a legislação.

Sem e com crase: É necessário adequar a legislação à empresa.

5.6 Tabelas e gráficos

Ilustrações podem ser boas maneiras de apresentar alguma informação. Para usá-las adequadamente, fique atento às seguintes definições dos diferentes tipos de ilustração:

- tabela: uma apresentação das informações em colunas, quando predominam números;

- quadro: também em colunas, mas com o predomínio de palavras;
- gráfico: uma ilustração em que as formas representam valores numéricos;
- figura: nome geral para todos os outros tipos de ilustração (esquemas, fotografias, mapas etc.).

Todos esses elementos devem ser precedidos de um título, indicando a numeração. Por exemplo, se a primeira tabela for "Tabela 1 - Automóveis a combustão vendidos no Brasil", o título da segunda tabela será "Tabela 2 - Automóveis elétricos vendidos no Brasil".

A numeração é independente entre tabelas, quadros, gráficos e figuras. Por exemplo, se o próximo elemento ilustrativo for um gráfico, sua numeração seria "Gráfico 1 - Uma comparação entre o crescimento das vendas dos automóveis elétricos e a combustão". E o mesmo aconteceria com os quadros e as figuras.

O título deve estar em tamanho 12 e vir antes da ilustração. Além do título é preciso indicar a fonte. Ela é indicada em tamanho 10, após a ilustração, por meio de uma chamada e inserindo a referência no final do texto, da mesma maneira que é feito com as outras citações. Por exemplo, "Fonte: (Silva, 2020)".

É preciso indicar a fonte mesmo que ela seja o próprio autor (nunca entendi o motivo dessa regra). Por exemplo, "Fonte: elaboração própria.", "Fonte: o autor", "Fonte: a autora", "Fonte: os autores".

Se você retirou os dados de alguma fonte, mas foi você quem criou a tabela ou o gráfico, você pode indicar isso de maneira separada. Por exemplo, "Fonte: elaboração própria. Fonte dos dados: (Banco Central do Brasil, 2022)".

Uma informação bastante importante. Não basta colocar a ilustração em seu texto, é preciso comentá-la, enfatizando as informações mais relevantes e relacionando-a com o que foi dito antes e o que será dito depois. Quando mencionar a ilustração no texto, use a primeira letra maiúscula. Por exemplo, "Como apresentado na Tabela 1, as vendas de carros a combustão se mantiveram estáveis, ao contrário do que o Gráfico 2 mostra em relação aos carros elétricos".

Veja exemplos da formatação de todos esses tipos de ilustração no Manual de Normalização da Unifal e no nosso modelo de artigo.

5.7 Orientações sobre as apresentações

As apresentações são muito mais livres e simples do que o texto do artigo, com mostram os modelos no site da disciplina. Os critérios de avaliação são:

- Tempo: se manter entre 5 e 10 minutos (0,5 ponto).
- Organização e qualidade dos slides: apresentação com começo, meio e fim; capacidade de síntese; clareza na exposição; correção da escrita; indicação das fontes etc. (0,5 ponto).
- Fluência: fala contínua, vocabulário técnico, impostação da voz etc. (0,5 ponto)
- Domínio do conteúdo: precisão, desenvoltura e consistência ao expor fatos e argumentos; conhecimento sobre as fontes utilizadas etc. (0,5 ponto).

Em relação ao tempo de apresentação, o mais importante é ensaiar. Há pessoas tímidas, mas que falam muito na apresentação, se perdem em detalhes. Há pessoas extrovertidas, mas que acabam falando rápido demais, esquecendo coisas. Há pessoas que estão

dominando o assunto, mas, na hora de falar, não conectam bem as ideias do texto. Os ensaios ajudam também a evitar gastar muito tempo da apresentação com o que não é essencial e falar pouco sobre os pontos mais importantes. Por isso, treinar é essencial.

Para evitar esses problemas, diminuir o nervosismo e melhorar a organização, treine a apresentação. Grave pelo menos dois vídeos de você fazendo a apresentação sozinho em seu quarto. Você também pode treinar apresentando para um amigo.

Em relação à organização, deve haver um slide para cada um dos seguintes itens:

- título (incluindo seu nome),
- objetivo (incluindo a metodologia),
- desenvolvimento,
- considerações finais e
- referências.

Entre os objetivos e as considerações finais (o desenvolvimento), você tem liberdade para decidir quantos slides utilizar para apresentar seu conteúdo. Use pouco texto nos slides. Não escreva parágrafos inteiros, mas sim tópicos, fragmentos de frases, apenas o essencial. Faça chamadas nos slides onde houver citações indiretas ou

diretas. Coloque as chamadas no canto inferior direito ou no final das frases. Para entender melhor, confira os modelos de apresentação de slides que estão no site da disciplina.

Evite usar fundos escuros e letras finais ou rebuscadas demais, pois isso dificulta a visualização. Use imagens ilustrativas, gráficos e tabelas. Isso deixa os slides mais interessantes. No slide de referências, coloque todas as referências utilizadas no artigo, não apenas aquelas usadas na apresentação. Elas devem estar em ordem alfabética e no formato da ABNT.

Você pode levar uma “cola” para te ajudar, um pequeno texto com as ideias principais. Porém, a melhor estratégia é usar os próprios slides como lembretes do que você precisa falar. No entanto, não fique simplesmente lendo os slides ou a cola durante sua apresentação, use-os apenas como lembretes e procure falar de maneira espontânea.

Faremos as apresentações no Google Apresentações. Ele é muito simples e gostoso de usar. Quem preferir, pode fazer no PowerPoint Online, no Canva ou outro programa, desde que ele gere um link para publicar na internet como faremos com o Google

Apresentações. Os vídeos com as dicas de como fazer as apresentações estão na página da disciplina.

5.8 A filosofia da ciência

Pense nas seguintes decisões: É melhor abrir um restaurante ou uma loja de roupas? Devo contratar mais um empregado para atender a demanda ou é melhor recusar clientes por enquanto? Vendo minhas sacas de café agora ou espero mais um pouco?

Podemos tomar essas decisões seguindo nossa intuição ou imitando o que outras pessoas fazem, o senso comum. Ou podemos tentar ser mais científicos. Ser mais científico significa pesquisar o que já se sabe sobre o assunto e o que aconteceu com quem escolheu cada uma das opções em situações parecidas.

Para identificar a melhor decisão a tomar em uma situação é preciso levar em consideração diversas variáveis. P. ex., vender as sacas de café agora pode ser um bom negócio se você tem uma dívida com juros altos ou um investimento muito lucrativo para fazer com o dinheiro. Porém, pode ser melhor deixar para vender depois se

houver algum sinal de que vai faltar café nos próximos meses.

Contudo, na maior parte das vezes, não temos todas as informações que seriam necessárias para identificar a melhor decisão. Não sabemos muitas coisas que deveríamos saber. Por isso, muitas decisões precisam lidar com a incerteza, assumindo riscos e pressupondo probabilidades. Alguns ficam ricos, outros vão à falência.

A função da ciência é nos ajudar a tomar decisões com base em conhecimentos sobre como o mundo funciona. Para isso, ela busca estabelecer fatos da maneira mais objetiva e precisa possível para nos permitir fazer previsões. Por isso, ela exige o compromisso de basear nossas afirmações em evidências, usando dados e métodos que outras pessoas podem verificar.

A ciência nos permitiu controlar diversas doenças, construir aviões, desenvolver smartphones e inventar a internet. Não menos espantosas são as conquistas das ciências sociais: várias empresas conseguem produzir lucrativamente milhões de produtos com qualidade e gerenciar dezenas de milhares de empregados; algumas seguradoras de saúde têm milhões de clientes e conseguem se manter solventes durante décadas; bilhões

de transações eletrônicas acontecem a cada minuto usando cartões de crédito, incluindo compras em diferentes países; os governos conseguem controlar a inflação no nível das casas decimais; as fazendas conseguem se planejar para produzir comida variada, nutritiva e barata suficiente para alimentar o mundo todo etc.

Esses fatos mostram que as ciências sociais aplicadas são bem sucedidas, elas conseguem prever razoavelmente o comportamento das pessoas (compras, inadimplência, acidentes, idas ao médico etc.). O papel de diversas teorias e ferramentas que vocês aprendem durante o curso é tornar essas previsões possíveis: cálculo, estatística, micro e macroeconomia, ciência política, ciências sociais, teoria do risco, teoria da ruína, análise de políticas públicas, finanças, análise de demonstrações contábeis etc.

A *filosofia da ciência* é o estudo de como as ciências se desenvolvem, como se organizam e, principalmente, como definem o que é ou não científico. Ela é próxima da *epistemologia*, a área que estuda como os indivíduos adquirem conhecimento, isto é, como eles justificam suas crenças e afirmações.

Aqui nos concentraremos em duas ideias fundamentais em filosofia da ciência (o falsificacionismo de Popper e a teoria dos paradigmas de Kuhn) e duas distinções muito importantes em epistemologia (a diferença entre afirmações objetivas e subjetivas e a diferença entre afirmações descritivas e normativas).

Suponha que você tenha um restaurante e que está conversando com um analista (um consultor do Sebrae, um gerente de investimento do banco etc.). Ele é simpático e confiante, fala com desenvoltura sobre vários setores da economia e usa um terno impecável. Ao final da conversa, ele te diz "você deveria comprar o imóvel ao lado do seu e aumentar a capacidade do seu restaurante em 25%". Você deve seguir o conselho dele?

Para tomar essa decisão você precisa descobrir porque ele acredita que deveria expandir o restaurante. Quais justificativas ele tem? Talvez ele saiba que um dos seus concorrentes vai fechar as portas ou que uma grande empresa está interessada em fazer um convênio com um restaurante. Mas talvez ele se baseie apenas em uma impressão de que seria bom que seu restaurante fosse maior.

Para decidir se seguirá ou não o conselho dele, você precisa avaliar se a afirmação que ele fez ("é melhor que você aumente a capacidade do seu restaurante") é objetiva ou subjetiva. Uma afirmação objetiva é aquela que outras pessoas podem verificar, são fatos. Por isso, elas têm a mesma validade para todas as pessoas. Por exemplo, o Brasil exporta mais produtos agrícolas do que produtos industriais.

Por outro lado, as afirmações subjetivas são aquelas que dependem de aspectos privados, pessoais, específicos de quem faz a afirmação. Por exemplo, "estou muito pessimista em relação ao futuro", "não gosto de ter dívidas" etc. A validade dessas afirmações depende das características de quem faz a afirmação, são opiniões. Por isso, nesses casos, é possível que duas pessoas afirmem coisas diferentes e as duas posições sejam aceitáveis.

Para que suas afirmações sejam objetivas, é preciso que as pessoas estejam abertas a corrigi-las diante de novas informações. Por isso, é importante perceber que as pessoas podem tratar suas afirmações como hipóteses ou como dogmas.

Hipóteses são afirmações tratadas como provisórias, a pessoa pode mudar de ideia dependendo das novas

informações que receber, principalmente quando testar essas afirmações, observando como o mundo realmente funciona. *Dogmas* são afirmações tratadas como definitivas. Nesses casos, a confiança na afirmação é tão grande que nenhum resultado negativo nos testes das afirmações é suficiente para fazer a pessoa mudar de opinião. P. ex., crianças que confiam cegamente no que o pai diz.

O teste das afirmações é o núcleo do *método científico*. Em sua versão mais simples, ele consiste em três passos:

1. elabore uma hipótese.
2. teste essa hipótese fazendo alguma previsão.
3. se errar a previsão, corrija ou abandone a hipótese. Porém, mesmo se acertar, continue fazendo testes. Nunca confie cegamente na sua hipótese.

Em 1934, no livro *A Lógica da Pesquisa Científica* (Popper, 1934/1972; Thornton, 2018), Karl Popper apresentou uma versão mais exigente do segundo passo do método científico. Essa versão é chamada de *falsificacionismo*.

É fácil conseguir evidências confirmatórias para quase qualquer hipótese. Voltemos ao conselho para

expandir seu restaurante. Ele poderia ser reformulado como a seguinte hipótese: seu restaurante será mais lucrativo caso ele tenha uma capacidade 25% maior. Há diversos fatos que confirmam essa hipótese: em alguns dias, há filas de espera; seus dois principais concorrentes têm capacidade maior do que a sua; e seu fornecedor de carne te ofereceu um desconto caso você faça encomendas 30% maiores.

No entanto, apenas esses três fatos não *provam* que seria melhor expandir a capacidade do restaurante, pois há outras possibilidades sobre o que vai acontecer. Pode ser que esse aumento acabe com as filas, mas crie muitos lugares vazios; pode ser necessário contratar mais pessoas, diluindo o que você ganhou com o desconto na carne etc. Por isso, não basta encontrar confirmações da hipótese, pois elas podem ser compatíveis com outras hipóteses (isto é, explicações alternativas para esses fatos). É preciso pensar em um teste que seria capaz de mostrar que sua hipótese é falsa. Há algo que te convenceria que seu restaurante não será mais lucrativo se aumentar a capacidade?

De acordo com o falsificacionismo, para sua hipótese ser científica, você precisa responder sim a essa questão.

Segundo Popper, o que transforma uma afirmação em uma hipótese científica é o fato de ela ser falsificável, é preciso que seja *possível* mostrar que ela está errada, que é falsa.

Note a sutileza: não estamos dizendo que a hipótese tem que ser falsa para ser científica, mas sim que tem que ser possível mostrar que ela é falsa. Para um falsificacionista, dizer que uma hipótese é científica não é o mesmo que dizer que ela é verdadeira, que ela é aceitável. Para isso, é preciso um passo a mais. Para a hipótese ser aceita como verdadeira, ela deve ser falsificável, mas não falsificada. Em outras palavras, ela deve passar em um teste que poderia mostrar que ela é falsa.

Por exemplo, imagine que você decida testar o conselho do analista. Você derruba uma parede do restaurante e coloca mais algumas mesas, aumentando a capacidade em 10%. Se isso diminuir seu lucro ao invés de aumentá-lo, você se convenceria de que a hipótese de que aumentar a capacidade em 25% te daria mais lucros está errada? Se você responder que não, sua hipótese não era científica, era um dogma (a menos que você sustente que há uma diferença profunda entre aumentos de 10 e 25% da capacidade).

Portanto, ao invés de buscar evidências confirmatórias de sua hipótese, o pesquisador deve criar testes que sejam capazes de mostrar que ela é falsa, de falsificá-la. Isto é, ele deve buscar evidências que a refutem, não que a confirmem.

Se a hipótese passar nesse teste, ela deve ser aceita, mas sempre provisoriamente, sempre buscando novos testes e melhores hipóteses. Ter passado em um teste não mostra que ela é verdadeira definitivamente, pois outros testes são possíveis (por exemplo, analisar as demonstrações contábeis do restaurante nos próximos meses). Ela deve ser aceita apenas por enquanto, provisoriamente. Uma teoria que resiste a diversas tentativas de refutação não é necessariamente verdadeira, pois basta uma evidência contrária para mostrar que ela é falsa.

Quanto mais arriscada é uma hipótese, maior sua importância. Porém, isso também a torna mais falsificável ela é:

- não falsificável: se um empreendimento não se expandir, ele pode fechar nos próximos dez anos.

- dificilmente falsificável: muitos dos empreendimentos que não se expandirem fecharão as portas em menos de dez anos.
- falsificável: todo empreendimento que não se expande fechará as portas em menos de dez anos.
- falsificável: se o *Subway* parar de se expandir, ele vai quebrar em menos de cinco anos.

A primeira hipótese não é falsificável porque nada é capaz de mostrar que ela está errada. Mesmo que nenhum empreendimento feche, o defensor da hipótese se defenderá dizendo que era possível que os empreendimentos fechassem. No caso da segunda hipótese, é difícil falsificá-la por causa da imprecisão da palavra "muitos", diferentes pessoas podem interpretá-la de maneiras diversas. Isto é, há certa subjetividade nessa palavra.

Isso não acontece com as duas últimas hipóteses, pois a terceira se aplica a todos os empreendimentos e a quarta se aplica a uma empresa em particular. Portanto, seria fácil refutar essas hipóteses. No caso da terceira hipótese, bastaria que um empreendimento que não se expandiu se mantivesse aberto. No caso da quarta hipótese, basta que o *Subway* não se expanda e mesmo

assim não feche. São hipóteses arriscadas como essa que fazem nosso conhecimento avançar.

Portanto, para os falsificacionistas, hipóteses científicas são afirmações falsificáveis e uma afirmação é falsificável se for possível mostrar que ela está errada (há algo que te faria mudar de ideia?). E as hipóteses científicas são aceitas quando, apesar de falsificáveis, elas ainda não foram falsificadas.

Outra distinção importante nesse contexto é aquela entre afirmações descritivas e normativas. As primeiras buscam mostrar como o mundo é, enquanto as segundas indicam como o mundo deveria ser (o que é certo e errado, bom ou ruim etc). Afirmações normativas tendem a ser mais subjetivas, mas também podem ser objetivas, principalmente quando forem dedutivas (p. ex., se não há perspectiva de continuidade do negócio, o empresário não deve se endividar).

O conceito de ideologia é importante para essa discussão. Uma ideologia é uma visão de mundo, um conjunto de afirmações descritivas e normativas, de pressupostos e teorias sobre como o mundo funciona e deveria funcionar.

Há duas visões sobre como os cientistas devem lidar com essas questões. Na visão tradicional, os cientistas precisam ser imparciais e objetivos, se restringir a afirmações descritivas e devem sempre tentar eliminar seus vieses. Na visão crítica, é impossível que um cientista seja sempre imparcial e objetivo. Eles são inevitavelmente normativos, ideológicos (p. ex., simplesmente ao escolher estudar determinado assunto), por isso, resta a eles explicitar e discutir essas escolhas, tentando explicitar seus vieses.

Esse embate deixa as especificidades das ciências sociais mais claras. Por estudarem a interação entre pessoas, no caso delas, é mais difícil separar objetividade de subjetividade e normatividade de descrição em suas hipóteses. Isso é reforçado por dois outros aspectos. Em primeiro lugar, o comportamento humano é influenciado por muitos fatores, por isso, as explicações são probabilísticas (tendências), não determinísticas. Em segundo lugar, ao contrário de ratos em laboratório e plantas em casas de vegetação, os agentes econômicos alteram seu comportamento por causa das previsões sobre o que farão no futuro. Por fim, realizar experimentos com pessoas é muitas vezes antiético ou impossível, por isso, predominam

estudos observacionais (ao invés de estudos experimentais), o que dificulta as medições e as análises causais. Esses dois fatores fazem com que o estabelecimento da objetividade das hipóteses em ciências sociais seja mais complexo do que em outras ciências.

Em 1962, o livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn (KUHN, 2009; BIRD, 2018) inaugurou a sociologia do conhecimento, o estudo de como aspectos sociais influenciam o desenvolvimento científico. Para compreender essa proposta, vamos comparar a visão de Kuhn com a visão padrão da ciência.

Na visão padrão, a ciência é capaz de descobrir verdades permanentes. Ela é uma atividade cumulativa, pois acumula essas verdades: a teoria que vem depois continua (corrige, inclui e amplia) as teorias anteriores. Além disso, nessa visão, todas as teorias são comparáveis (comensuráveis), sempre é possível saber se uma está mais correta do que outra, isto é, qual delas se aproxima mais da verdade. Isso faz com que a visão padrão da ciência apresente os cientistas como imparciais, críticos, abertos à novidade e céticos.

Em contraposição, na visão de Kuhn, as ciências têm momentos de ruptura. Elas alternam períodos de ciência

normal e de ciência revolucionária. O período de ciência normal é aquele em que há a predominância de um paradigma. Um paradigma científico é um conjunto de conceitos e técnicas bem sucedido para a solução de um problema importante e que depois é aplicado também a outras situações. Ele determina os pressupostos dos pesquisadores, seu referencial teórico.

Durante a ciência normal tudo acontece de acordo com a visão padrão da ciência, há continuidade entre uma teoria e outra, cumulatividade. Isso não acontece nas revoluções científicas, as mudanças de paradigmas. Essas revoluções acontecem quando começam a aparecer problemas que o paradigma dominante não consegue resolver (as anomalias) e surge um paradigma alternativo capaz de resolvê-los.

Nesses momentos, é comum que as teorias concorrentes sejam incomensuráveis (não comparáveis), pois tratam de problemas diferentes e usam conceitos também fundamentalmente diferentes. Por isso, nesses momentos, os cientistas podem ser tendenciosos, parciais, orgulhosos, conservadores e até dogmáticos. Isso pode fazer com eles resistam à mudança de paradigma mesmo

quando há alternativa melhor, pois foram educados e construíram sua carreira dentro de determinado paradigma.

Há várias mudanças famosas de paradigma: a substituição do geocentrismo pelo heliocentrismo (revolução copernicana), a substituição do modelo da combustão baseado no flogisto pelo modelo do oxigênio, a passagem do lamarckismo para a teoria da seleção natural, as passagens da física aristotélica para a física newtoniana e depois para a teoria da relatividade e as passagens do marginalismo para o keynesianismo e depois para o monetarismo.

É possível que diferentes paradigmas convivam no mesmo ponto no tempo, mas isso cria diferentes grupos dentro de uma mesma área de estudo, constituindo diferentes comunidades científicas (ou epistêmicas). É o caso das discordâncias entre economistas ortodoxos e heterodoxos, entre estatísticos frequentistas e bayesianos ou entre pesquisadores quantitativos e qualitativos em políticas públicas.

Em grande medida, essas diferentes comunidades não analisam os mesmos problemas, não usam os mesmos conceitos, não publicam nas mesmas revistas, não vão aos mesmos eventos científicos nem usam os mesmos critérios

para avaliar se uma hipótese é boa ou ruim. É isso o que significa dizer que eles têm paradigmas diferentes.

É também por causa das diferenças de paradigma que você deve usar artigos muito citados em sua área como modelo para a formulação do problema, decisões metodológicas e até mesmo questões de estilo de escrita e de formatação do texto. Você deve seguir o que sua comunidade epistêmica considera correto. Quando você for reconhecido por ela como um membro competente dessa área de estudo, aí você poderá passar a questioná-la. Do contrário, suas posições poderão ser simplesmente desconsideradas. Isso explica porque pinturas simples de pintores famosos são vendidas por milhões de dólares, mas não pinturas simples muito semelhantes feitas por crianças.

Nessa versão, dizer que uma teoria científica é “verdadeira”, significa dizer há fortes evidências que a confirmam e ainda não foram encontradas evidências contundentes que sejam incompatíveis com ela.

O quadro abaixo resume as diferenças entre a visão padrão da ciência e a visão kuhniana.

]

Quadro 3 - As diferenças entre as duas visões da ciência

tópico	visão padrão	visão de Kuhn
verdades	permanentes	provisórias
progresso	cumulativo	paradigmas e revoluções
teorias	sempre comparáveis	às vezes incommensuráveis
cientistas	abertos à novidade	apegados a paradigmas

Fonte: elaboração própria.

Por fim, vale registrar que as propostas do Popper e Kuhn, o falsificacionismo e a teoria dos paradigmas, não são incompatíveis, ao menos em suas versões superficiais. Enquanto o falsificacionismo de Popper é uma teoria normativa (uma proposta de como os cientistas deveriam se comportar), a teoria de Kuhn é descritiva (uma descrição de como os cientistas realmente se comportam). Kuhn defende basicamente que os cientistas resistem a abandonar a hipótese quando surgem falsificações. Por isso, há certa compatibilidade entre as duas propostas (Alves, 2013). Para saber mais sobre a relação entre estas ideias e a Administração, veja (Guerra et al., 2011; Taffarel; Silva, 2015;). A relação delas com a Economia é apresentada em

mais detalhes por (Mussi; Silva; Oliveira, 2016; Vieira; Fernandez, 2006).

5.9 O TCC e a escolha do orientador

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma das exigências para concluir o curso de graduação. Ele é um texto de 25 a 40 páginas, também conhecido como monografia (uma pesquisa sobre determinado assunto usando fontes científicas para fundamentar as informações apresentadas). Nesse trabalho, cada aluno é orientado por um professor, o orientador da pesquisa. O orientador te ajudará a organizar seu texto, te indicará como pesquisar as fontes mais importantes e revisará o seu texto à medida que você for escrevendo. Também é o orientador quem decidirá se o texto já está pronto ou não.

Quando o texto for considerado pronto pelo orientador, é hora de indicar dois outros professores para comporem a banca de avaliação do trabalho. É o momento da defesa do TCC. A escolha dos avaliadores é feita pelo orientador, mas é comum que ele pergunte quais professores o aluno gostaria que avaliassem o trabalho. Essa decisão é importante, pois é muito comum que diferentes professores façam observações diferentes,

dependendo de quais conhecimentos possuem e de quais comunidades científicas participam.

A defesa consiste em uma reunião que pode ser assistida por outras pessoas (amigos e familiares do aluno, colegas, outros orientandos do professor etc.). A defesa começa com uma apresentação de slides de cerca de 15 minutos pelo aluno, seguida das seguintes fases: arguição (comentários e perguntas) de um dos avaliadores, respostas do aluno, arguição do segundo avaliador, novas respostas do aluno e comentários do orientador (caso julgue pertinente, ele pode intervir em alguma das fases anteriores). Feito isso, a banca (o orientador e os avaliadores) pede que o aluno e os outros convidados se retirem da sala para que ela faça a deliberação sobre a aprovação do trabalho. Depois de 5 a 15 minutos, o orientador convida o aluno e as outras pessoas a retornarem à sala e comunica o resultado da avaliação.

Como escolher seu orientador? O mais comum é que os alunos procurem algum professor com quem tenham feito uma disciplina ou projeto em que tenham ido bem. Outra possibilidade é você escolher um professor especialista em um tema de pesquisa que te interesse. Nesse caso, você pode consultar o currículo Lattes dos

professores da Unifal-Varginha (no site da disciplina há um link para a lista dos professores e seus currículos). Se você ainda não estudou com esse professor, é interessante que você mande um email com algum texto que você já tenha feito sobre o assunto ou algo semelhante.

Você deve enviar um email ou conversar pessoalmente com o professor e perguntar se ele aceita te orientar no TCC. É bom que você já tenha um ou mais temas que gostaria de pesquisar. Porém, você também pode perguntar se o professor tem alguma sugestão de tema. Como dito acima, as coisas ficam mais fáceis se você já desenvolveu algum trabalho com esse professor em alguma disciplina ou projeto e decida fazer o TCC continuando esse trabalho.

O professor pode recusar o convite. Isso normalmente acontece caso ele já tenha muitos orientandos, não domine o tema escolhido por você ou o prazo até sua defesa seja muito curto. Por isso, o ideal é que você convide o professor com, pelo menos, um semestre de antecedência. Isso aumenta bastante as suas chances.

No caso do TCP, a defesa costuma acontecer ao final do sexto período, pois é preciso já ter conseguido

todos os pontos de Piepex. Portanto, o ideal é que você procure um orientador no começo ou no meio do quinto período.

Um último aviso. Depois de aceita a orientação e iniciada a pesquisa, ainda é possível um dos dois desistir da orientação. Isso pode acontecer se você quiser mudar para um tema de pesquisa que o orientador atual não domina, se você não estiver satisfeito com o desempenho dele ou ele não estiver satisfeito com o seu.

No entanto, essa decisão é delicada porque uma das duas partes pode ficar magoada caso já tenha se dedicado muito a essa pesquisa e, principalmente, se a data limite para a defesa estiver próxima. Uma maneira de evitar conflitos é estabelecer suas tarefas e prazos de maneira clara e conjunta. Por exemplo, registrando por email quais leituras fazer e quais trechos escrever até determinada data.

5.10 Os projetos de pesquisa

Nem sempre é preciso fazer um projeto antes de escrever sua pesquisa. Ele só é necessário quando você será avaliado antes de iniciar a pesquisa propriamente dita.

Isso é feito para avaliar se o objetivo da pesquisa é adequado, se a metodologia que será utilizada está correta, se o pesquisador tem conhecimento das pesquisas anteriores sobre o assunto etc.

Por isso, é necessário apresentar um projeto de pesquisa quando você vai participar de um edital para concorrer a uma bolsa de iniciação científica, em alguns processos seletivos para o mestrado e alguns outros casos. Ele também costuma ser exigido no caso do TCC (mas não no TCP).

A iniciação científica é um projeto de pesquisa durante a graduação, não ao final como no caso do TCC e do TCP. Ao contrário destes, ela é opcional, não é uma exigência para concluir o curso. Ela tem duração de um ano e pode ser remunerada com bolsa ou voluntária. Há editais para definir quem receberá bolsa, eles costumam ser divulgados no site da Pró-Reitoria de Graduação. Como é o professor quem submete o projeto, o primeiro passo é conversar com algum professor para saber se ele tem o interesse em te orientar em uma pesquisa de iniciação científica.

Voltemos a falar do projeto de pesquisa. Ele é basicamente uma indicação do objetivo da sua pesquisa, da

metodologia que ela vai utilizar e das etapas que serão seguidas. Além disso, no referencial teórico espera-se que você faça uma revisão de literatura demonstrando seu conhecimento sobre o tema.

A estrutura básica de um projeto de pesquisa é a seguinte:

- capa
- folha de rosto
- sumário
- introdução: contendo a apresentação e a justificativa do tema de estudo;
- objetivos: são apresentados dentro da introdução ou em uma seção separada. Normalmente, são divididos em objetivo primário e objetivos secundários (metas relacionadas ao objetivo primário, mas menos importantes do que ele);
- referencial teórico: uma apresentação dos estudos anteriores sobre o assunto e que servirão de ponto de partida para a pesquisa;
- metodologia: indicação dos métodos de investigação que serão empregados. As principais metodologias de pesquisa estão apresentadas nesta página;
- resultados esperados: indicação sucinta daquilo que se espera conseguir com a pesquisa;
- cronograma: uma indicação do tempo de duração da pesquisa e de suas etapas;
- referências.

Para ver exemplos de projetos de pesquisa, sugiro que você pesquise no Google e analise três ou quatro casos. O estilo e a estrutura dos projetos de pesquisa

variam um pouco de acordo com a área. Isso vale para o tamanho, o conteúdo de cada seção, o detalhamento etc. Por isso, ao elaborar um projeto de pesquisa, é sempre bom procurar exemplos mais próximos da sua área de estudo. Por exemplo, pedir para algum colega veterano, para seu orientador, para algum professor ou simplesmente pesquisar no Google, como eu sugeri acima.

6 Considerações finais

Bom, estas são as dicas que eu tenho a te oferecer para escrever e formatar seus trabalhos acadêmicos, em especial, seu TCC. Para desenvolver essas habilidades, é preciso treinar, aplicar o que foi aprendido. Então, use todas as tarefas da faculdade como oportunidades para escrever melhor e fazer pesquisas mais rigorosas. Além disso, aproveite até mesmo as conversas no WhasApp e nas redes sociais para apresentar ideias mais detalhadas por meio da escrita.

Espero que as dicas apresentadas aqui te ajudem a escrever com mais prazer, a enriquecer seu conhecimento e a ganhar mais confiança para pensar por si mesmo.

Referências

ALVES, M. Reflexões acerca da natureza da ciência: comparações entre Kuhn, Popper e o empirismo lógico. **Kínesis**, v. 5, n. 10, 2013.

BIRD, A. Thomas Kuhn In: ZALTA, E. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2018. Disponível em: plato.stanford.edu/entries/thomas-kuhn Acesso em: 06 de outubro de 2023.

CRUZ, R. Bloqueio da escrita acadêmica. **Youtube**, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLe_qN7_4d3chSFqYtoS3Or2U5J2mV6Qdm Acesso em: 06 de outubro de 2023.

FRASER, M.; GONDIM, S. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, 2004.

GUERRA, L. et al. Análise epistemológica da Nova Administração Pública à luz de Kuhn e Popper. **Rev. Eletr. do Mestrado Prof. em Administração da Univ. Potiguar**, v. 4, n. 1, p. 43-53, 2011.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MUSSI, F.; SILVA, E.; OLIVEIRA, S. A Teoria Schumpeteriana da inovação e sua cientificidade discutida. **Revista Espacios**, v. 37, n. 21, 2016.

REVISTA GALILEU. 4 motivos científicos para começar a escrever mais. **Revista Galileu**, 2017. <https://revistagalileu.globo.com/Life-Hacks/noticia/2017/02/4-motivos-cientificos-para-comecar-escrever-mais.html> Acesso em: 06 de outubro de 2023.

MATOS, J. et al. Publicidade de alimentos direcionada à criança e ao adolescente no Brasil: análise longitudinal de denúncias no CONAR. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, 2023.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SANTOS, S.; SILVA, P.; SANTOS, J. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. **Anais ...** Caruaru-PE, 2016.

SILVA, W. Contribuições e limitações de revisões narrativas e revisões sistemáticas na área de negócios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 23, n. 2, 2019.

SOUZA, I. O que é Marketing de Influência e como ele pode ajudar a sua estratégia digital? **Rock Content**, 2018.

Disponível em:
rockcontent.com/br/blog/marketing-de-influencia Acesso
em: 06 de outubro de 2023.

TAFFAREL, M.; SILVA, E. A cientificidade da administração
em debate. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v.
15, n. 3, 2015.

THORNTON, S. Karl Popper In: ZALTA, E. **Stanford
Encyclopedia of Philosophy**, 2018. Disponível em:
plato.stanford.edu/entries/popper Acesso em: 06 de
novembro de 2023.

UNIFAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS).
Resolução 026/2019: Dispõe sobre a regulamentação
referente a plágio em trabalhos acadêmicos. Disponível em:
[https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/wp-content/uploads
/sites/94/2020/04/Resolucao_026_2019.pdf](https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/wp-content/uploads/sites/94/2020/04/Resolucao_026_2019.pdf) Acesso em: 06
de outubro de 2023.

UNIFAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS).
**Manual de normalização e apresentação de trabalhos
acadêmicos da UNIFAL-MG**: com base nas normas de
documentação da ABNT. Alfenas, MG: Unifal-MG, 2022.
Disponível em:
[https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/wp-content/uploads
/sites/125/2022/01/Manual-Normalizacao-2022-SIBI.pdf](https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/wp-content/uploads/sites/125/2022/01/Manual-Normalizacao-2022-SIBI.pdf).
Acesso em: 06 de outubro de 2023.

VIEIRA, J.; FERNANDEZ, R. A estrutura das revoluções
científicas na economia e a Revolução Keynesiana.
Estudos Econômicos, v. 36, n. 2, 2006.

WIKIPEDIA. Sobre os ombros de gigantes. **Wikipedia**,
2022. Disponível em:
pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_os_ombros_de_gigantes
Acesso em: 06 de outubro de 2023.